

**h**umanitas  
supplementum

# *Mnemosyne kai Sophia*

José Augusto Ramos  
Nuno Simões Rodrigues (coords.)

CECH



# *Mnemosyne kai Sophia*

José Augusto Ramos & Nuno Simões Rodrigues (coords.)



Todos os volumes desta série são sujeitos a arbitragem científica independente.

COORDENADORES

José Augusto Ramos, Nuno Simões Rodrigues

TÍTULO

*Mnemosyne kai Sophia*

EDITOR

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

EDIÇÃO:

1ª/ 2012

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO

Maria do Céu Fialho

CONSELHO EDITORIAL

José Ribeiro Ferreira, Maria de Fátima Silva, Francisco de Oliveira e Nair Castro Soares

DIRECTOR TÉCNICO DA COLECÇÃO:

Delfim F. Leão

CONCEPÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO:

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

ÍNDICES

Nídia Catorze Santos

IMPRESSÃO:

Simões & Linhares, Lda. Av. Fernando Namora, n.º 83 Loja 4. 3000 Coimbra

ISBN: 978-989-721-021-1

ISBN DIGITAL: 978-989-721-022-8

DEPÓSITO LEGAL: 352226/12

© CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,

CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

© CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS (<http://classicadigitalia.uc.pt>)



Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já exceptuada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural por via de e-learning.

## SUMÁRIO

<i>MNEMOSYNE KAI SOPHIA</i> . NA RAIZ DE DOIS CONCEITOS José Augusto M. Ramos (Universidade de Lisboa), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa)	7
MEMÓRIA E SABEDORIA EM PERSPECTIVA BÍBLICA José Augusto M. Ramos (Universidade de Lisboa)	13
O QUE FOI FEITO É DESFEITO. A MEMÓRIA COMO CONDIÇÃO DA ORDEM NO ANTIGO EGÍPTO: O CASO DA PROFECIA DE NEFERTI Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa)	27
A <i>SABEDORIA DE PETOSÍRIS</i> : UM REPOSITÓRIO CONDENSADO DE MEMÓRIA E DE MORAL José das Candeias Sales (Universidade Aberta)	47
HESÍODO E O SONHO DE NABUCODONOSOR Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa)	87
DECONSTRUYENDO IDENTIDADES: APOLO Y DIONISO, LA INTRÍNSECA DUPLICIDAD DEL MITO María Cecilia Colombani (Universidad de Morón y Universidad Nacional de Mar del Plata)	99
O CÃO DA ASSEMBLEIA/O LOBO DO POVO: A SABEDORIA POPULAR AO SERVIÇO DA INVECTIVA POLÍTICA NO <i>CONTRA ARISTOGÍTON</i> Nelson Henrique da Silva Ferreira (Universidade de Coimbra)	115
REGISTO E MEMÓRIA. ARRIANO E PLUTARCO SOBRE ALEXANDRE Maria de Fátima Silva (Universidade de Coimbra)	127
PLOTINO E HOMERO: UM ESTUDO FILOSÓFICO DA INFLUÊNCIA HOMÉRICA NAS <i>ENÉADAS</i> DE PLOTINO David G. Santos (Universidade da Beira Interior)	149
RETÓRICA E SABEDORIA: O IDEAL DA <i>ENKYKLIOS PAIDEIA</i> NO HUMANISMO DO RENASCIMENTO Nair de Nazaré Castro Soares (Universidade de Coimbra)	161
INDEX LOCORVM	181
ÍNDICE ONOMÁSTICO E BIBLIONÍMICO	185
ÍNDICE DE TERMOS EGÍPCIOS, HEBRAICOS, GREGOS E LATINOS	195
COORDENADORES E AUTORES	197

## *MNEMOSYNE KAI SOPHIA* NA RAÍZ DE DOIS CONCEITOS

Na mitologia grega, Mnemósine é a personificação da Memória<sup>1</sup>. Filha de Úrano e de Gaia, i.e. do Céu e da Terra, Mnemósine pertence ao grupo das chamadas Titânides, tendo sido igualmente uma das figuras femininas a quem Zeus se uniu sexualmente e de quem nasceram as nove Musas. Sofia é a personificação da Sabedoria, não tendo, porém, uma presença tão marcante no *corpus* mitológico clássico como a que se reconhece a Mnemósine.

Na tradição semítica do Oriente pré-clássico, particularmente representada pela Bíblia, o conceito de sabedoria avulta bastante mais do que o de memória, no domínio conceptual e simbólico. Sabedoria projecta-se até ser uma das mais relevantes hipóstases, de estatuto quase divino. A importância que o rótulo e o conceito de sapiencial assumem nas literaturas e culturas do Antigo Oriente traduzem essas ressonâncias de profundidade. Pelo balancear intersemítico das semânticas aqui intervenientes, verificamos que a ideia de profundidade e mistério é o matiz específico que dá nome à sabedoria em acádico, *nemequm*. O conceito de memória, por seu lado, situa-se a um nível menos metafísico, mas institui-se como uma quase ritualização cultural da identidade, que a parênética bíblica tanto sublinha e que o «fazei isto em minha memória», da última ceia de Jesus, exprime bem.

Apesar de o conceito e ideia de *sophia* estarem presentes em vários textos gregos antigos e de terem uma relevância particular com a sofística e a filosofia gregas, a verdade é que foi já com o cristianismo que a hipóstase da sabedoria ganhou particular relevo, como mostram quer, a um nível mais erudito, o conceito teológico-filosófico de «Santa Sabedoria», quer, a um nível mais popular, a figura da mártir que, supostamente, teria vivido no tempo de Adriano e sido

---

<sup>1</sup> Ver Hes. *Th.* 54ss., 135, 915ss.

mãe de três filhas, de nome Fé, Esperança e Caridade, igualmente supliciadas por causa da sua fé em Cristo<sup>2</sup>. Como mostram os nomes das personagens, porém, a lenda deverá traduzir mais a faceta popular que, todavia, se baseia mais na importância dos conceitos do que em personalidades eventualmente históricas.

Não obstante as representações hipostáticas da Memória e da Sabedoria, os conceitos em si mesmos prevalecem enquanto pilares da cultura, manifestando-se de variadas formas em épocas distintas. Com efeito, em Dezembro de 2009, os Centros de Estudos Comparatistas e de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa dedicaram a estes dois conceitos um congresso, cujo objectivo foi precisamente analisar e estudar as variadas formas de representar ambas as ideias ao longo do tempo e no âmbito das várias expressões culturais disponíveis<sup>3</sup>.

Alguns dos textos que agora se publicam foram originalmente apresentados nessa ocasião, num painel homogéneo dedicado às culturas da Antiguidade Pré-Clássica e Clássica. Nomeadamente, os estudos de José Augusto Ramos, *Memória e sabedoria em perspectiva bíblica*, que analisa a presença dos dois conceitos no *corpus* bíblico, tendo o espaço das chamadas culturas pré-clássicas como enquadramento e nas quais o género sapiencial ganha particular pertinência; de Ana Catarina Almeida, «*O que foi feito é desfeito*». *A memória como condição da ordem no Antigo Egipto: o caso da «Profecia de Neferti*», em que a autora se centra nos chamados textos sapienciais egípcios para analisar os conceitos de ordem/desordem à luz da ideia de «Memória»; de José Sales, *A «Sabedoria de Petosíris»: um repositório condensado de memória e de moral*, em que se trata as questões da memória e da sabedoria presentes num conjunto de mais de centena e meia de inscrições egípcias do período ptolemaico<sup>4</sup>; de Nuno Simões Rodrigues, *Hesíodo e o sonho de Nabucodonosor*, em que se analisa o valor de Hesíodo enquanto «poeta sapiencial» grego e possível influência de parte do livro bíblico de *Daniel*; de Nelson Henrique Ferreira, *O cão da assembleia/o lobo do povo: a sabedoria popular ao serviço da invectiva política no «Contra Aristogíton»*, em que se disserta acerca do valor dos animais enquanto metáforas da representação dos comportamentos humanos em contexto da dita «sabedoria popular»<sup>5</sup>; de David G. Santos, *Plotino e Homero: um estudo filosófico da influência homérica nas «Enéadas» de Plotino*, em que, recorrendo ao método e à problemática da intertextualidade, se estuda sobretudo o

---

<sup>2</sup> A lenda de Santa Sofia e suas três filhas foi incluída por J. de Voragine na célebre *Lenda Dourada*.

<sup>3</sup> O congresso em causa resultou numa publicação: J. P. Serra, H. C. Buescu, A. Nunes, R. C. Fonseca, coords., *Memória & Sabedoria*, V. N. Famalicão, Edições Húmus, 2011.

<sup>4</sup> Uma primeira versão deste texto foi já publicada em J. P. Serra *et al.*, coords., *Memória & Sabedoria*, V. N. Famalicão, Edições Húmus, 2011, 199-239.

<sup>5</sup> Uma primeira versão deste texto foi já publicada em J. P. Serra *et al.*, coords., *Memória & Sabedoria*, V. N. Famalicão, Edições Húmus, 2011, 523-532.

problema da memória enquanto pilar da influência de um autor num outro; e o de Nair de Castro Soares, *Retórica e sabedoria: o ideal da «enkyklios paideia» no Humanismo do Renascimento*, em que a autora recupera os conceitos da Antiguidade Clássica, analisando a sua reutilização e redefinição através da retórica no período renascentista, focando-se em particular no caso português.

A estes estudos, juntámos dois outros cuja temática converge para os conceitos que dão título a este volume: o texto de María Cecilia Colombani, *Desconstruyendo identidades: Apolo y Dioniso, la intrínseca duplicidad del mito*, texto que resulta de uma conferência originalmente apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em Fevereiro de 2012, e em que se reanalisam a duplicidade e a ambiguidade próprias da cultura grega, antevistas por Nietzsche, entre outros, e em que a problemática da sabedoria volta a estar presente de forma relevante; e ainda o estudo de Maria de Fátima Sousa e Silva, *Registo e memória. Arriano e Plutarco sobre Alexandre*, escrito propositadamente para esta edição e no qual a *mnemosyne* é chamada à colação, assumindo-se como a base da própria ideia de História, para que, através dos registos de Arriano e de Plutarco, seja possível a reconstituição dos feitos de Alexandre da Macedónia.

Uma vez reunidos, oferecemos à comunidade científica e a todos os que se interessam pelas matérias da Antiguidade os textos que este grupo de autores escreveu sobre *mnemosyne* e *sophia*. Resta-nos agradecer aos nossos colegas Doutora Helena Carvalhão Buescu e Doutor José Pedro Serra, dos Centros de Estudos Comparatistas e de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, que por ocasião do Congresso «Memória e Sabedoria» acolheram com todo o entusiasmo as nossas propostas, e Doutora Maria do Céu Fialho, Coordenadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, e Doutor Delfim Ferreira Leão, Director Técnico da colecção *Classica Digitalia*, da Universidade de Coimbra, pelo interesse demonstrado nesta colectânea e pelo apoio dado à sua publicação.

José Augusto Ramos  
(Universidade de Lisboa)

Nuno Simões Rodrigues  
(Universidade de Lisboa)

*MNEMOSYNE KAI SOPHIA*

**A SABEDORIA DE PETOSÍRIS:  
UM REPOSITÓRIO CONDENSADO DE MEMÓRIA E DE MORAL**

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES  
Universidade Aberta  
*Centro de História da Universidade de Lisboa*

Administrateur impeccable, restaurateur de l'ordre, constructeur de monuments, sauveur des dieux et des gens, Pétosiris mérite l'existence que nous décrivent les textes biographiques mais aussi les scènes de son tombeau: vie princière, opulente, heureuse dans l'affection de son entourage familial et de ses serviteurs, joyeuse dans la participation aux réjouissances (table remplie à profusion, navigation sur les étangs, jeu, boisson «jusqu'à l'ivresse», fête avec les chanteurs jusqu'à la tombée de la nuit).

Menu (1994) 324.

Petosiris Ankhefkhonsu foi um sumo sacerdote do deus Tot de Khemenu/Hermópolis que viveu na segunda metade do século IV – início do século III a.C. (até ao final do reinado de Ptolomeu I Sóter, em 285 a.C.)<sup>1</sup>. Terá assumido o seu cargo sacerdotal em plena Segunda Dominação Persa (341-332 a.C.), quando o Egipto era, portanto, uma satrapia do imenso império dos Aqueménidas, ainda antes da chegada de Alexandre Magno.

A «sabedoria» que recebe o nome deste alto funcionário egípcio é constituída por um conjunto de relatos de carácter funerário e biográfico sobre as vidas exemplares do próprio Petosiris e dos membros masculinos da sua família, num total de cinco gerações (a saber: o seu avô Djedtotiuefankh, seu pai Sichu ou Nesichu, o irmão mais velho Djedtotiuefankh, os filhos Djedhor/Teos e Totrek e o neto Petukem) e encontra-se esculpida nas paredes interiores do excepcional túmulo para eles construído em Khemenu/Hermópolis, no Médio Egipto, num local hoje conhecido como Tuna el-Guebel<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Cf. Peremans *et al.* (1956) 5406. Petosiris é a forma onomástica grega adaptada do nome egípcio Padiusir, *p-di-wsir*, que significa «Dom de Osiris». Sobre outros nomes egípcios semelhantes, *vide* Araújo (2003) 314. O seu apelido era Ankhefkhonsu, *ḥnḫ.f-ḥnsw* – Cf. Lefebvre (1923b) 15; Menu (1994) 321, n.42.

<sup>2</sup> Descoberto no final do ano de 1919, na região chamada Passaqi, nas necrópoles de Tuna el-Guebel/ Deruah, uma vasta zona de necrópoles do Médio Egipto (perto da actual El-Ashumein, a antiga Khemenu egípcia, denominada pelos Gregos Hermópolis), e imediatamente escavado metodicamente até 8 de Março de 1920 por Gustave Lefebvre, o túmulo de Petosiris foi logo reconhecido como detendo um excepcional valor – Cf. Lefebvre (1924) VI. O estudo do túmulo e das suas inscrições é inseparável do seu enquadramento arqueológico: por um lado, a necrópole de Tuna el-Guebel onde se situa e, por outro, a

As 152 inscrições funerárias e biográficas do túmulo encontram-se distribuídas de forma equitativa, sobretudo entre os seus três principais autores ou beneficiários (Sichu, Djedtotiuefankh e Petosíris), com uma ligeira vantagem para o irmão mais velho de Petosíris: 330 linhas ou colunas para Sichu, 344 para Djedtotiuefankh e 335 para Petosíris<sup>3</sup>.

Chamado pelos peregrinos gregos τὸ ἱερόν<sup>4</sup> e pelos Egípcios locais como *maabad*, «templo», o túmulo foi construído por Petosíris para si próprio e para a sua família e assemelha-se extraordinariamente, pela arquitectura e pela decoração exterior (cenas de oferenda à divindade, neste caso Tot antropomorfo, sentado num trono<sup>5</sup>), embora com dimensões mais modestas, qual «templo miniatura», às salas hipostilas dos templos ptolomaicos de Edfu (em honra do deus Hórus) e de Esna (dedicado ao deus Khnum), do templo romano de Kalabcha (consagrado ao deus Mandulis) e do templo meroítico-ptolomaico-romano de Debod (cultuando Ámon de Debod), edificados em períodos imediatamente posteriores.

---

antiga Khemenu, a capital do *nomos* da Lebre a que se associa espiritual e materialmente, onde dominava o omnipresente deus Tot – Cf. Menu (1994) 311.

<sup>3</sup> Cf. Menu (1994) 315, n.32.

<sup>4</sup> Nos séculos III e II a.C., depois da morte de Petosíris, o túmulo tornou-se um lugar de veneração e de peregrinação ou de curiosidade, sobretudo para os Gregos que então percorriam o Egipto. Como Imhotep ou Amenhotep, filho de Hapu, Petosíris tornou-se um «sábio» (σοφός) de primeiro plano. Chegaram-nos inclusive algumas invocações piedosas dirigidas a Petosíris, redigidas em grego: Πετόσειριν αὔδῶ τό(ν) κατὰ Χθονός, νῦν δ' ἔν θεοῖσι κείμενον' μετὰ σοφῶν σοφός. [*Invoco Petosíris cujo cadáver está sob a terra, mas cuja alma reside junto dos deuses: sábio, está junto dos sábios*]. No final do período ptolomaico quebrou-se o respeito pelo lugar e sucederam-se as violações e profanações, até se transformar, no início da era cristã, numa vulgar cripta de cadáveres mumificados – Cf. Lefébvre (1924) 9, 21, 24, 25.

<sup>5</sup> No «templo-túmulo» de Petosíris, a que se acedia através de uma avenida pavimentada com cerca de vinte metros de comprimento e quatro metros de largura, funcionando como um *dromos* de acesso, Tot é considerado o soberano da Enéade e como deus dos mortos, de aspecto osíriaco, sendo mesmo chamado «Osíris, a íbis» e «Osíris, o cinocéfal», «conjugando-se» o tradicional deus egípcio dos mortos com os animais sagrados do deus Tot. Na fachada do edifício, além das cenas simétricas de oferendas a Tot, são veneradas igualmente outras divindades funerárias: Néftis, Ísis, Sokar e Osíris. Extraordinariamente, Petosíris cumpre a função que noutros templos está reservada apenas ao faraó, servindo-se inclusive do epíteto real «vida, saúde, força» (𓆎𓅓𓏏𓏂 *ankh uadja seneb*) em proveito próprio – Cf. Lefébvre (1924) 45. O uso desta fórmula em vez da típica e quase obrigatória expressão *mae kheru*, «justificado», que habitualmente remata os textos de apresentação funerária do defunto, é, na opinião de L. M. de Araújo, uma prova da intencionalidade de conferir ao túmulo as características de um templo – Cf. Araújo (2003) 321, n.25; Menu (1995) 283-284.

*A Sabedoria de Petosiris: Um repositório condensado de memória e de moral*



José das Candeias Sales





Fig. 1-5. Fotos da fachada do túmulo de Petosíris e das fachadas das salas hipostilas dos templos de Edfu, de Esna, de Kalabcha e de Debod, respectivamente.

É bem patente a semelhança dos elementos arquitectónicos dos cinco edifícios. (Todas fotos do Autor, à excepção da foto do templo de Debod).

Apesar de não haver nas paredes do monumento de Tuna el-Guebel qualquer data, cartela real ou nome de soberano e da datação exacta permanecer aleatória, o debate entre egiptólogos e historiadores do mundo greco-oriental em torno da datação exacta da construção do monumento tem oscilado entre o final da Segunda Dominação Persa (332 a.C.) e o início do reinado oficial de Ptolomeu I Sóter (305 a.C.), isto é, na transição do século IV para o III a.C., com base na cronologia restituída a partir das suas inscrições e da interpretação de que os «estrangeiros» (*h3stiw*) a que as suas inscrições 59 e 62 fazem alusão (*homens vindos de países estrangeiros governavam o Egipto* — inscrição 59, 1-3<sup>6</sup> — e *Os estrangeiros governavam então o Egipto* — inscrição 62, 1.3<sup>7</sup>) são os Persas<sup>8</sup>. É assim aceite que o túmulo de Petosíris é o edifício mais completo

<sup>6</sup> Cf. Lefebvre (1924) 80.

<sup>7</sup> Cf. Lefebvre (1924) 82.

<sup>8</sup> Cf. Nakaten (1982) 995; Lefebvre (1924) 10-12; Cavaignac (1929) 56, 57. Picard (1931) 201-227, dá-nos um panorama dos debates que envolveram Lefebvre, Montet e Cavaignac, tomando também ele próprio parte nos mesmos com *quelques contributions archéologiques* – Picard (1931) 203.

que nos chegou dos anos que marcam a transição entre a época saito-persa e a época ptolomaica<sup>9</sup>.

A edificação e a decoração da capela funerária de seu pai Sichu ou Nesichu<sup>10</sup> e do seu irmão mais velho Djedtotiuefankh<sup>11</sup>, bem como a construção da primeira sala do túmulo (*pronaos*) destinada ao seu próprio culto terão ocorrido já no final da vida de Petosíris, em torno do ano 300 a.C.<sup>12</sup>.

Orientado de norte para sul, o templo-túmulo de Petosíris denota uma forte influência grega no estilo e na técnica dos coloridos baixos-relevos<sup>13</sup>, reproduzindo frequentemente, com alguma originalidade, cenas existentes, por exemplo, na decoração dos túmulos menfitas do Império Antigo e dos túmulos tebanos do Império Novo, e compõe-se, portanto, de uma capela de forma ligeiramente rectangular com quatro pilares (consagrada ao culto de Sichu e Djedtotiuefankh) e de um pronaos transversal (destinado à glória e à evocação de Petosíris) com uma fachada colonata, de capitéis palmiformes e papiriformes abertos, com muros intercolunares<sup>14</sup>.

<sup>9</sup> Miriam Lichteim é muito enfática quando escreve: «The Greek elements in the decoration make it certain that the tomb was built after Alexander's conquest of Egypt» – Lichteim (2006) 49, n.7. *Vide* também Araújo (2003) 315, 323. Para Miguel Ángel Elvira Barba, Petosíris levou a cabo «una verdadera hibridación estética greco-egípcia, la primera consciente de que tengamos noticia aún en vida de Alejandro o, más bien, en los primeros años del gobierno de Ptolomeo I» – Elvira Barba (2000) 207. Rosalie e Antony David, por seu turno, escrevem: «He lived at the time when Egypt was ruled by Ptolemy I, and the decoration of his tomb is of particular significance in terms of Graeco-Egyptian art» – David, David (1992) 104.

<sup>10</sup> Nome teofórico que significa «Aquele que pertence a Chu», *s-šw*. Claire Lalouette traduz este nome como «Shou est un sage» – Lalouette (1984) 340, n. 82.

<sup>11</sup> O nome Djedtotiuefankh é a transcrição grequizada do egípcio *djed-djehuti-ii.ef-<sup>c</sup>nkh, dd-dhwtj-i(w).f-<sup>c</sup>nh*, nome teóforo que surge no início da XXI dinastia e se torna frequente na época saíta e cujo significado é «Djehuti/Tot fala; ele vive (= o que usa este nome)».

<sup>12</sup> O seu filho continuou a construir e a decorar o túmulo durante a época de Ptolomeu II. O mesmo se aplica ao seu neto, sob Ptolomeu III Evérgeta I – Cf. Festugière (1959) 104.

<sup>13</sup> Como reconhecia Gustave Lefebvre, «Les décorateurs du Tombeau de Petosiris firent preuve de plus d'éclectisme et de fantaisie [...]. [Les] sujets ne sont pas seulement traités avec la précision, la souplesse, l'abondance qui caractérisent la renaissance de l'art à l'époque saïte, mais on y observe ce sens de la vie, cette recherche du pittoresque, cette intensité du mouvement, qui ont été, de tout temps, la marque de l'école hermopolitaine, et qui n'ont pu que s'affirmer et s'accroître sous l'influence de l'art grec.» – Lefebvre (1924) 31. Sobre a decoração do túmulo de Petosíris, *vide* Araújo (2003), 320-327.

<sup>14</sup> As dimensões interiores destas duas partes são, respectivamente: capela – 6,25m. de largura X 7,15m. de comprimento; pronaos – 9,40m. de comprimento X 3,80 de largura. A capela, de forma rectangular, divide-se em três secções (uma nave central e duas laterais) através de duas fileiras com dois pilares quadrangulares cada, sem base nem capitel, repousando directamente sobre um soco quadrado. Estes pilares correspondem às pilastras que se destacam das paredes norte e sul. Na nave central, praticamente no centro da capela, há um poço que dá acesso à área subterrânea, onde foram encontrados dois dos três sarcófagos de madeira feitos para Petosíris, hoje no Museu Egípcio do Cairo, e fragmentos de outro sarcófago de madeira pertencente ao seu irmão mais velho, Djedtotiuefankh, hoje no Museu de Turim. O pronaos é ligeiramente mais elevado do que a capela, como se pode ver pelo corte longitudinal: 4,85m. de altura deste

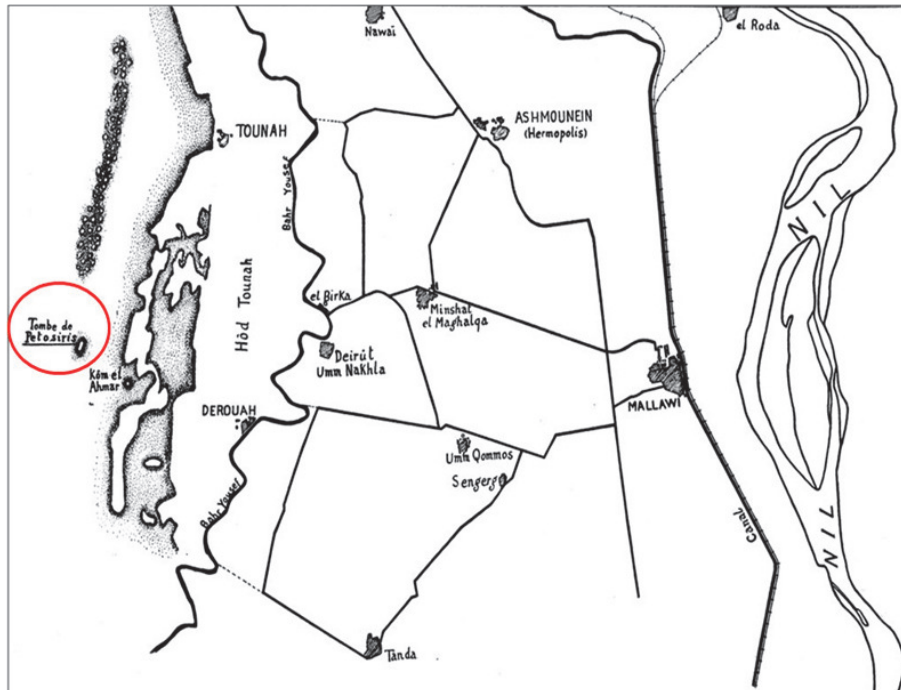
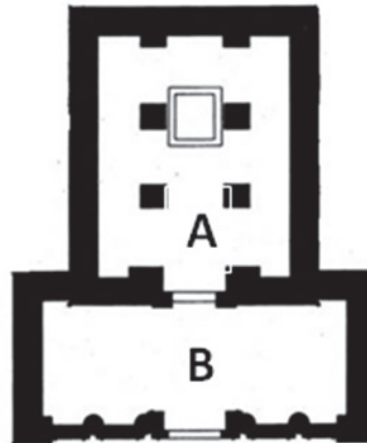


Fig. 6: Mapa da região de Tuna el-Guebel: destaque para a localização do túmulo de Petosiris (Lefebvre 1924, IV).

Fig. 7: Planta do Túmulo de Petosiris:

A – Capela;  
B – Pronaos.



para 4,45m. daquela. As paredes este e oeste medem 5,15m. no exterior e a fachada, a norte, estende-se por 11,20m. Todos os relevos e inscrições do pronaos são inteiramente devotados a Petosiris. O pronaos é, no fundo, a sua capela funerária. Todas as cenas e textos relacionados com a sua família (pai e irmão mais velho) encontram-se na capela propriamente dita; ver figs. 6-9 – Cf. Lefebvre (1924) 14-16, 119; Lichteim (2006) 44-45.

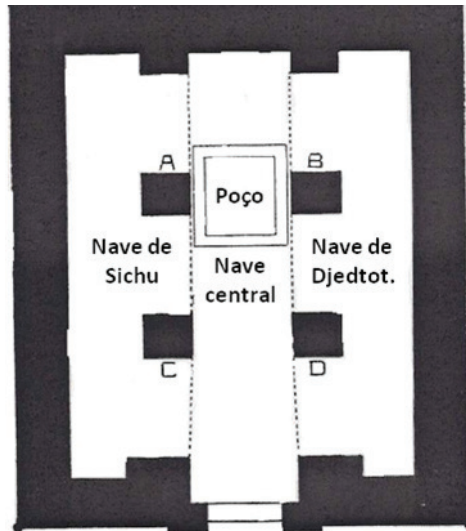


Fig. 8: Planta da Capela do túmulo de Petosíris: O poço, os 4 pilares (A-D) e as 3 secções ou naves.

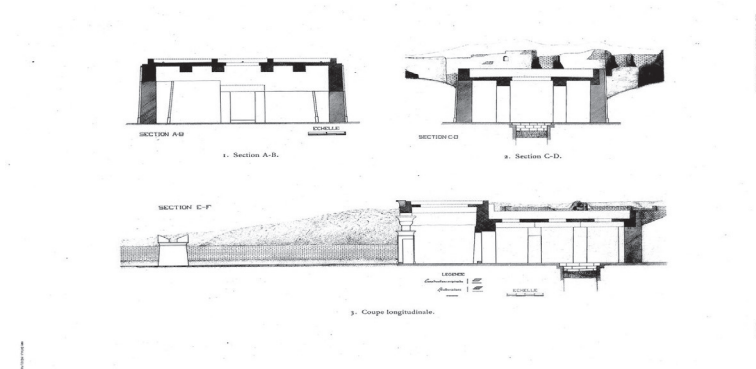


Fig. 9: Túmulo de Petosíris: corte longitudinal.

Num breve e incisivo parágrafo, G. Lefebvre descrevia o túmulo da seguinte forma:

Les murs intérieurs et les piliers de la chapelle sont couverts, de la frise au soubassement, d'une profusion de scènes figurées et d'inscriptions se détachant en relief sur la mince couche de stuc qui recouvre le calcaire coquillier, tiré de la montagne de Derouah, d'un grain trop grossier pour se prêter directement à une gravure un peu soignée. L'extérieur des murs sud, est et ouest n'est pas décoré. S'il en était de même, dans le plan primitif, du mur nord formant façade de la chapelle, ce mur, en tout cas, reçut une décoration,

le jour où le pronaos vint s'ajouter à la chapelle et compléter, de la façon la plus heureuse, le monument.<sup>15</sup>

Do ponto de vista tipológico, as inscrições interiores do túmulo dividem-se em textos de oferendas ordinárias, biografias funerárias das várias personagens a quem é consagrado e um grupo de inscrições filosóficas e religiosas. Através delas é realmente possível traçar a história da família durante cinco gerações, começando com Djedtotiuefankh, avô de Petosiris, e terminando em Petukem, seu neto<sup>16</sup>.

A série de máximas sapienciais, que parece ter sido concebida pelo próprio Petosiris e redigida por ele e pelos seus escribas quando Ptolomeu era ainda sátrapa de Filipe Arrideu ou no início da sua *basileia* independente, permite-nos penetrar no seu pensamento e na sua mentalidade eivados de um fervor religioso que, segundo ele, justificaram a notável vida que alcançou<sup>17</sup>.

Estas inscrições tumulares são autênticas instruções (*sb3it*) que um defunto enuncia e proclama para persuadir os vivos das vantagens de um comportamento existencial equilibrado e justo, exemplificando com os resultados da sua própria experiência e expondo os favores e bênçãos recebidas, e destinavam-se, no fundo, a transmitir e a ensinar aos homens que «vivem na terra» os muito apregoados *metjen en ankh*, *mṯn n ʿnh*, «caminhos da vida»<sup>18</sup>. Neste sentido, como «apelo aos vivos», são verdadeiras «instruções», herdeiras dos mais antigos textos sapienciais egípcios e das suas regras de bem viver.

O nosso objectivo específico é analisar de forma detalhada as inscrições biográficas de Petosiris, nomeadamente a longa inscrição (92 colunas), de inspiração filosófica e religiosa, inscrita na parede oriental da capela, vulgarmente conhecida como Inscrição 81, a Inscrição 62 (5 colunas), efectuada na parede sul, ângulo este, do pronaos<sup>19</sup> e a Inscrição 59 (5 colunas)

<sup>15</sup> Lefebvre (1924) 15.

<sup>16</sup> Veja-se a árvore genealógica da família sacerdotal de Petosiris (desde o seu avô Djedtotiuefankh até ao seu neto Petukem) que apresentamos no final deste texto (Anexo I), elaborada exclusivamente a partir dos dados fornecidos pelas inscrições do túmulo – Cf. Lefebvre (1924) 3-7.

<sup>17</sup> Cf. Menu (1994) 315.

<sup>18</sup> Como sinónimos de *mṯn n ʿnh*, podem indicar-se também as expressões *w3t n ʿnh* (*uat en ankh*) e *mit n ʿnh* (*mit en ankh*) – Cf. Couroyer (1949) 413.

<sup>19</sup> A ordem numérica das 152 inscrições do túmulo de Petosiris foi estabelecida por Gustave Lefebvre, em Janeiro de 1920, à medida que as diferentes paredes do edifício iam sendo limpas e restauradas. Isto significa que essa ordem (estrutura base do Vol. II da obra de G. Lefebvre) não corresponde absolutamente à disposição racional dos textos. Ainda assim, é essa numeração que continua, ainda hoje, a ser usada pelos estudiosos – Cf. Lefebvre (1923a) 1. Sobre *Le tombeau de Petosiris*, a magistral obra de Gustave Lefebvre, refira-se, a propósito,

que, como a 62, nos fornece vários elementos relativos à biografia de Petosíris, reproduzindo mesmo alguns termos constantes na inscrição 81<sup>20</sup>. Incluímos também no nosso *corpus* central a Inscrição 65 (17 colunas), localizada na capela, nave de Djedtotiuefankh, parede norte, lado ocidental, registo médio, objectivamente um texto de homenagem de Petosíris ao seu irmão defunto, Djedtotiuefankh.

Trata-se, no essencial, de textos relativos à actividade e aos trabalhos de Petosíris que pretendem, desde logo, a par da sua feição de ênfase no cumprimento do dever piedoso, estabelecer uma memória eterna associada aos seus grandes feitos e realizações e às memórias de seu pai e seu irmão (caso das inscrições n.ºs 81 e 65, gravadas no interior da capela consagrada justamente a estes seus familiares). As inscrições 81 e 65 encontram-se na capela e as inscrições 62 e 59 no pronaos (*vide* fig. 10). Globalmente, as inscrições visam a glorificação de Petosíris e a reabilitação do seu irmão Djedtotiuefankh<sup>21</sup>.

Face ao interessante e muito significativo diálogo intertextual que estas inscrições mencionadas estabelecem com outras inscrições do túmulo, sempre que tal se justifique, a elas aludiremos igualmente<sup>22</sup>.

---

que, sob chancela da Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, foi dividida em 3 volumes, a saber: *Première Partie: Description* (como o próprio nome sugere, efectua uma descrição detalhada do monumento: estudo sobre Petosíris e sua família, arquitectura e data do túmulo, tradução e comentário de todas ou quase todas as inscrições); *Deuxième Partie: Les Textes* (os textos são apresentados de acordo com a seguinte ordem: inscrições do portal, da fachada, do pronaos, da capela, dos sarcófagos provenientes da câmara subterrânea. Cada texto é precedido de indicações sobre a sua posição, número de linhas, comprimento e estado de conservação. Ao texto segue-se um breve aparato crítico); e *Troisième Partie: Vocabulaire et Planches* (o «vocabulário» reúne os nomes das divindades, das pessoas e dos lugares. A maioria das 58 «planches» incluídas é constituída por aguarelas e desenhos da autoria de Hamzéh Carr). A obra permanece como a melhor monografia sobre o túmulo do alto funcionário do século IV a.C.

<sup>20</sup> Um elemento significativo em relação a esta inscrição 81 é o facto de ela constituir um modelo que as inscrições 62 (Petosíris), 59 (Petosíris) e 61 (Djedhor) tomaram em linha de conta e reproduziram com abreviações e desenvolvimentos – Cf. Lefebvre (1924) 136.

<sup>21</sup> Cf. Menu (1994) 315. Como escreve esta autora: «Ses [de Djedtotiuefankh] litanies prennent la forme non seulement d'une justification mais d'une véritable réhabilitation» – Menu (1994) 316.

<sup>22</sup> Sobre as inscrições relevantes para o nosso propósito *vide* o quadro-síntese que apresentamos no Anexo II, onde alistamos a selecção de inscrições significativas, por ordem cronológica do seu autor ou beneficiário, fornecendo o número pela qual são referenciadas, a localização exacta no túmulo de Petosíris, o n.º de colunas que compoortam e as fontes a que se pode aceder para o seu estudo.

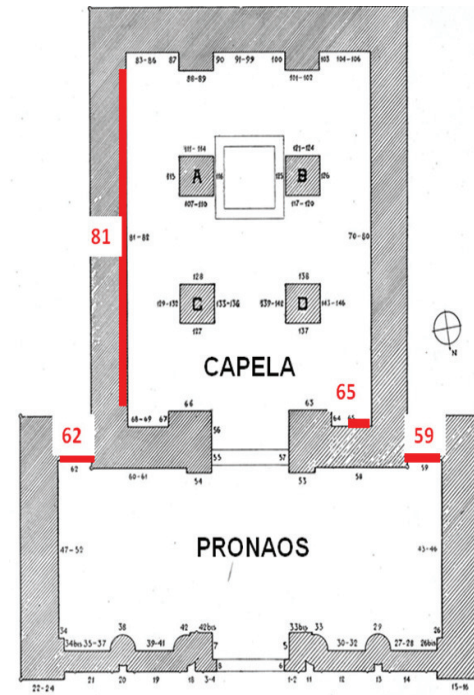


Fig. 10. Planta do Túmulo de Petosiris: identificadas as paredes onde se encontram as inscrições biográficas de Petosiris (Capela: inscrições 81 e 65; Pronaos: inscrições 62 e 59)<sup>23</sup>.

### A época de Petosiris

A literatura sapiencial, independentemente da localização espacial e temporal em que ocorre a sua concepção e produção, testemunha um diálogo incontornável e permanente com a sociedade em que é produzida e neste sentido é essencial compreender, desde logo, a época e os espaços com ela directamente relacionados.

Petosiris conheceu e viveu durante a sua vida a enorme instabilidade política, social e cultural associada ao final dramático da última dinastia egípcia, à segunda dominação persa, à conquista macedónica do Egipto por Alexandre Magno, ao curto reinado de Filipe Arrideu e ao início do período ptolomaico. Consagrado desde a infância ao deus Tot, segundo a tradição familiar, Petosiris terá servido provavelmente o seu templo em Khemenu/Hermópolis nos anos seguintes à conquista de Alexandre, depois da destituição do seu irmão do

<sup>23</sup> Vide também Menu (1996) 349.

cargo<sup>24</sup>. Foi, como escreve Bernadette Menu, *témoin ou acteur* na vida política do *nomos* hermopolitano e um dos «teóricos da realeza», responsáveis pela garantia de «permanência ideológica do novo regime»<sup>25</sup>.

Sichu, seu pai, viveu e exerceu o seu sacerdócio, herdado, por sua vez, do pontificado de seu pai, Djedtotiuefankh, o Antigo, sob os reis (*nesu*) da última dinastia indígena (XXX Dinastia), a dos Nectanebo (Nectanebo I, seu filho Teos e o sobrinho deste, Nectanebo II), entre 380 e 342 a.C.<sup>26</sup>. O seu irmão mais velho Djedtotiuefankh, que sucedeu ao pai, viveu também esse período (final do reinado de Nectanebo II) e ambos (Djedtotiuefankh e o próprio Petosíris) testemunharam, portanto, a conquista persa do Egípto (341-332 a.C.) de tão má memória para os autóctones<sup>27</sup>.

De uma forma directa, várias das inscrições permitem-nos «sintonizar» com estas conjunturas históricas e fornecem-nos o *leitmotiv* para grande parte das acções empreendidas por Petosíris durante o seu tempo de vida:

Passsei sete anos como administrador deste deus, gerindo os seus bens sem que se encontrassem quaisquer falhas, enquanto o rei dos países estrangeiros dominava o Egípto e nada estava no seu lugar anterior, depois das lutas que se travaram no interior do Egípto, o Sul estava em agitação e o Norte em revolta. As pessoas caminhavam com (a cabeça voltada para trás) e todos os templos estavam sem os seus servidores, os sacerdotes fugiram, sem saber o que estava a acontecer. (Inscrição 81)

Estive sete anos como sumo sacerdote/administrador de Tot, senhor de Khemenu/Hermópolis, cumprindo zelosamente todos os ritos no seu templo, aumentando o número dos seus sacerdotes, dando importância aos seus servidores, enchendo os seus celeiros de cevada e de espelta e os armazéns com todas as coisas belas e boas, mais do que antes. Os estrangeiros governavam então o Egípto. (Inscrição 62)

Eu exerci as funções de administrador de Tot, senhor de Khemenu, durante sete anos, quando os homens vindos de países estrangeiros governavam o Egípto. (Inscrição 59)

Os sete anos em que, segundo estas inscrições, Petosíris exerceu o cargo de administrador do templo de Tot, em Khemenu/Hermópolis<sup>28</sup>, seguem-se à

<sup>24</sup> Cf. Menu (1994) 321.

<sup>25</sup> Cf. Menu (1998b) 23; Menu (1998a) 254, 262.

<sup>26</sup> Cf. Lefebvre (1924) 12; Menu (1994) 316. Embora as inscrições de Sichu não apresentem muitos elementos detalhados sobre as suas acções específicas, fica a ideia de uma vida feliz e opulenta e de um comportamento social ideal, segundo os padrões da época - Cf. Menu (1994) 317. Segundo Menu, Sichu foi «conseiller privé du pharaon Nectanébo II» - Menu (1998b) 24; Menu (1998a) 247.

<sup>27</sup> Cf. Menu (1994) 317, 318, 326.

<sup>28</sup> Além destas inscrições de Petosíris, também a inscrição 61, atribuída ao seu neto Petukem,

intensa instabilidade decorrente da segunda dominação dos Persas (343-332 a.C.), onde se inclui a consistente resistência nacional egípcia a Sul (onde Nectanebo II/Nakhtnebef se refugiou) e a Norte (onde o príncipe Khababach se «escondeu» nos pântanos do Delta) e a profanação e pilhagem dos templos egípcios por Ochos e Bagoas, em princípio ocorridas sob o pontificado de Djedtotiuefankh<sup>29</sup>.

A descrição da desordem generalizada refere-se provavelmente aos anos finais da dominação persa e ao início dos tempos de liderança macedónica, quando a ordem foi restaurada e quando objectivamente Petosíris se aliou ao poder macedónico<sup>30</sup>. Os distúrbios sociais servem como justificação para a intervenção maética de Petosíris. Os «homens vindos de países estrangeiros que governavam o Egípto» (*rmṯt ḥ3swt m ḥk3 kmt*, inscrição 59) são claramente os Persas (talvez da época de Dario III Codomano), também chamados na inscrição 81, como os antigos Hicsos, *ḥk3w ḥ3swt, hekau khasut*<sup>31</sup>.

A expressão «administrador» de Tot é a tradução do egípcio *mr šn, mer chen*, de que deriva a designação grega λεσῶνες, uma espécie de vicário do deus na terra, para os assuntos espirituais e temporais<sup>32</sup>. São sobretudo as inscrições e os papiros gregos que mencionam este cargo. Trata-se, pois, de um sacerdote de elevado nível, com plenos poderes, com funções jurídicas e judiciais, responsável por outros sacerdotes, intermediário entre os servidores de um santuário e a administração civil e interessado de forma activa na prosperidade material do templo de Tot<sup>33</sup>.

Esta posição no seio da alta hierarquia clerical de Khemenu/Hermópolis é, segundo as várias inscrições do túmulo, comum a vários membros masculinos da família de Petosíris, ao longo de cinco gerações, como já mencionámos (Anexo I), e é frequentemente motivo de referência obrigatória na introdução, mais ou menos personalizada, de cada inscrição. É, no fundo, o local apropriado para a evocação dos títulos dos diferentes proprietários do túmulo de Tuna el-Guebel. O exemplo da inscrição 81 é paradigmático:

---

menciona os «sete anos» de exercício do cargo por Petosíris: *Passaste sete anos como administrador de Tot, sem que se encontrasse qualquer falta que te pudesse ser imputada* – Lefebvre (1924) 79, 80; (1923a) 32. Um outro passo da inscrição 81 regista também *Quando eu me tornei o administrador de Tot, senhor de Khemenu*, tendo subentendido que o período em causa foi de sete anos.

<sup>29</sup> Cf. Araújo (2003) 338; Menu (1994) 318. Djedtotiuefankh foi, por isso, associado e às profanações então perpetradas e, de certa forma, também responsabilizado por elas, como «colaboracionista», admitindo-se mesmo que tenha pago com a vida, à chegada dos exércitos de Alexandre Magno, às mãos dos Macedónicos – Cf. Menu (1994) 319-320, n.41; 326-327; (1996) 356; (1998) 25.

<sup>30</sup> Cf. Menu (1994) 326.


<sup>31</sup> Cf. Lalouette (1984) 340, n.92.

<sup>32</sup> Em princípio, o cargo de *mr šn* era por um ano, renovável – Cf. Menu (1994) 321, n.43.

<sup>33</sup> Cf. Lefebvre (1923a) 8; Menu (1995) 28.

O seu amado filho mais novo<sup>34</sup>, dono de todos os seus bens<sup>35</sup>, o «grande dos cinco», o «senhor dos tronos», o sumo sacerdote que contempla o deus no seu santuário, que leva o seu senhor<sup>36</sup> e segue o seu senhor, que entra no lugar mais sagrado<sup>37</sup>, que executa as suas funções juntamente com os grandes servidores de deus, o profeta da Ogdóade<sup>38</sup>, chefe dos sacerdotes de Sekhmet, líder do terceiro e do quarto grupo sacerdotal<sup>39</sup>, escriba real<sup>40</sup> encarregado da contagem de todos os bens no templo de Khemenu/Hermópolis, segundo sacerdote de Khnum-Ré, senhor de Heruer, e de Hathor, senhora de Neferuset<sup>41</sup>, líder do segundo grupo sacerdotal do templo de Heruer e de Neferuset, o profeta de Ámon-Ré e dos deuses dos outros templos da cidade<sup>42</sup>.

No caso da introdução da inscrição n.º 62, como se encontra danificada no seu início, teve de ser reconstituída justamente a partir da introdução da inscrição 81. Também as lacunas na primeira coluna da inscrição 59 obrigam a que seja restituída a partir das duas anteriores. No essencial, porém, as inscrições 62 e 59 apresentam os mesmos títulos de Petosíris.

«Grande dos cinco, senhor dos tronos»,  *wr d3w hrp nswt, uer diu khherep nesut*, são títulos associados ao sumo sacerdote de Tot em Khemenu/Hermópolis e a julgar pelas inscrições tumulares chegadas até nós todos os homens da família de Petosíris os usaram (*vide* Anexo I): o avô Djedtotiuefankh

<sup>34</sup> O texto está inscrito na secção da capela que Petosíris dedicou ao seu pai Sichu – parede oriental (ver Fig. 10); daí que o texto se inicie com esta identificação de Petosíris como «filho mais novo» de Sichu.

<sup>35</sup> A referência *dono de todos os seus bens* significa que Petosíris já ascendera ao cargo de sumo sacerdote de Tot, a seguir ao seu irmão mais velho Djedtotiuefankh, entretanto morto (provavelmente bastante novo, pois não se conhecem nem esposa nem filhos). Petosíris tornara-se em consequência o chefe da casa, herdeiro de todas as propriedades de seu pai.

<sup>36</sup> *β nb.f*, que carrega a estátua do seu deus (Tot) ou a barca do seu deus em procissão.

<sup>37</sup> Em grego *naos*.

<sup>38</sup> Referência directa aos oito deuses primevos cultuados em Hermópolis (quatro casais com cabeças de rãs — os deuses masculinos — e serpentes — as deusas femininas), sob a égide ou o patrocínio de Tot – Cf. Sales (2007) 169-185, 202-206.

<sup>39</sup> Cada grupo sacerdotal (em egípcio *sa*; em grego *phylé*) cumpria funções ao serviço da divindade três vezes por ano, de quatro em quatro meses, ou seja, durante uma estação inteira. Como «líder» ou chefe do grupo sacerdotal, Petosíris era, em egípcio, *aa-sa*, o cargo que em grego correspondia a *φιλάρχης*, *filarca*.

<sup>40</sup> *sech-nesu*, prestigiado cargo honorífico dignificado pela tradição, embora sem correspondência efectiva em serviço burocrático-administrativo prestado na corte egípcia da época de Petosíris.

<sup>41</sup> Heruer e Neferuset eram importantes cidades do 15º *nomos* do Alto Egipto (conhecido como «a Lebre», ou seja, uma deusa chamada *Uenet*) de que Khemenu era capital. Estas cidades, célebres pelo culto de Khnum e de Hathor, respectivamente, eram portanto vizinhas de Khemenu/Hermópolis e situavam-se nos arredores da moderna Balansurah.

<sup>42</sup> Lefebvre (1924) 212-213, notas às pp. 79 e 36.

(1ª geração), o pai Sichu (2ª geração; inscrições 127<sup>43</sup> e 116<sup>44</sup>), o irmão Djedtotiuefankh (3ª geração; inscrições 57<sup>45</sup>, 115<sup>46</sup>, 70<sup>47</sup>, 102<sup>48</sup>, 125<sup>49</sup>, 126<sup>50</sup>, 137<sup>51</sup> e 138<sup>52</sup>), os filhos Djedhor/Teos (inscrição 61<sup>53</sup>) e Totrekh (4ª geração; inscrição 56<sup>54</sup>) e o neto Petukem (5ª geração; inscrição 61<sup>55</sup>)<sup>56</sup>.

Em síntese, Petosíris sucedeu ao seu irmão nos cargos sacerdotais associados ao culto de Tot e, por um período de sete anos, exerceu o cargo de administrador do templo deste deus em Khemenu/Hermópolis, sendo simultaneamente encarregado das várias actividades temporais e espirituais inerentes às prerrogativas de «Grande dos cinco» (*uer diu*) e «Senhor dos tronos» (*kberep nesut*).

### As inscrições tumulares

Se considerarmos a longa inscrição biográfica de Petosíris (inscrição 81; 92 colunas), deparamos, nesta como noutras inscrições, como defende A. Théodoridès, com «un groupement d'idées non systématisées (simplement juxtaposées)»<sup>57</sup>. No entanto, é possível detectar uma estrutura-base subliminar que assenta, essencialmente, em quatro grandes vectores: 1. Introdução e títulos do defunto (a que já aludimos acima); 2. Considerações morais de abertura; 3. Acções concretas de Petosíris na vida terrena; 4. Conclusão. A mesma estrutura, embora menos composta em colunas e pormenores, é detectável nas outras inscrições (inscrições 62, 59 e 65).

As considerações morais de abertura constituem um vector fundamental para, no fundo, captarmos as razões e motivações que orientaram a realização, por um lado, do edifício tumular e, por outro, das próprias inscrições. Através

<sup>43</sup> Lefebvre (1924) 161; (1923a) 90-91; Lichteim (2006) 51-52.

<sup>44</sup> Lefebvre (1924) 158-159; (1923a) 83.

<sup>45</sup> Lefebvre (1924) 117; (1923a) 28-29.

<sup>46</sup> Lefebvre (1924) 156-157; (1923a) 82; Lalouette (2006) 264-265, 340-341.

<sup>47</sup> Lefebvre (1924) 172; (1923a) 45.

<sup>48</sup> Lefebvre (1924) 184-185; (1923a) 74-75.

<sup>49</sup> Lefebvre (1924) 191-192; (1923a) 88-89.

<sup>50</sup> Lefebvre (1924) 192-193; (1923a) 89-90.

<sup>51</sup> Lefebvre (1924) 193-194; (1923a) 95.

<sup>52</sup> Lefebvre (1924) 194; (1923a) 95-96.

<sup>53</sup> Lefebvre (1924) 101-102; (1923a) 29-31; Lalouette (1984) 65, 341.

<sup>54</sup> Lefebvre (1924) 114-115; (1923a) 27-28; Lichteim (2006) 51-52.

<sup>55</sup> Lefebvre (1924) 104-105; (1923a) 35-37; Lalouette (1984) 265, 341; Vernus (2001) 367-369.

<sup>56</sup> No caso de Totrekh, que morreu jovem, o uso dos títulos deve revestir-se apenas de carácter honorífico. A título de curiosidade, diga-se que Peftauneit, pai de Neferetrenpet, esposa de Petosíris, era também «Grande dos Cinco», ou seja, o sogro de Petosíris desempenhara também importantes funções sacerdotais em Khemenu – Cf. Lefebvre (1924) 5-7.

<sup>57</sup> Théodoridès (1991) 83.

delas, capta-se a «religião invisível», motor e leme da conduta do indivíduo Petosírís e da camada social e funcional que ele corporiza<sup>58</sup>. De uma forma simples, mas eficaz em termos comunicacionais, percebe-se que entre as finalidades do defunto está assumidamente legar à posteridade dos vivos um testemunho da sua condição de *mae-kberu*, de morto declarado «justo de voz»/«justificado», em recompensa pela sua adequada conduta moral, que se possa instituir num modelo de comportamento para todos os vivos.

A inscrição 81 é, assim, também particularmente enfática e inequívoca:

Ó vós, todos os vivos, que estais sobre a terra, todos os sacerdotes-*uab* e todos os escribas, que vindes a esta necrópole (*st3t*) e vedes este túmulo, louvado seja deus para aquele que age (para mim), louvado seja deus para aqueles que agem (para mim)! Porque eu fui um homem honrado (*imakbu*) por seu pai, louvado por sua mãe, amado pelos seus irmãos. Eu construí este túmulo nesta necrópole, ao lado dos espíritos superiores (*b3w-3w*) que aqui estão, para que sejam pronunciados o nome de meu pai e o de meu irmão mais velho, porque um homem revive quando o seu nome (*rn*) é pronunciado!

O Ocidente<sup>59</sup> é a morada daquele que não tem faltas, louvado seja deus para o homem que o alcançou! Nenhum homem o alcançará, a menos que o seu coração seja íntegro a cumprir a *maet*. Lá não se distingue o pobre do rico, só o que é considerado livre de faltas pela balança e o peso colocados perante o senhor da eternidade<sup>60</sup>. Lá ninguém se exime à pesagem<sup>61</sup>: Tot, como babuíno encarregue da balança, julgará cada homem segundo as suas acções na terra.

As palavras iniciais do defunto (*Ó vós, todos os vivos, que estais sobre a terra, todos os sacerdotes-uab e todos os escribas, que vindes a esta necrópole (st3t) e vedes este túmulo*) correspondem, como bem menciona Luís Manuel de Araújo, «a uma fórmula clássica de exórdio de textos funerários e é conhecida como “apelo aos vivos”»<sup>62</sup>. No fundo, equivale à fórmula *sdm mdw.i*, *aquele que ouvir as minhas palavras*, que se encontra noutras inscrições do túmulo (ex.: inscrição n.º 56)<sup>63</sup>. A mensagem destina-se a todos os que «estão» ou vivem na terra em determinado momento e a todos aqueles que virão a nascer. Ou seja, dirige-se a toda a posteridade potencial do defunto.

<sup>58</sup> Cf. Assman (2006) 32-33.

<sup>59</sup> Em egípcio *Amenti* – Cf. Laffont (1979) 154; Lefebvre (1924) 136.

<sup>60</sup> Referência à cerimónia da pesagem do coração no tribunal do Além, sob os auspícios de Osírís, o senhor do Além e dos mortos, o «senhor da eternidade», cujo nome teóforo de Petosírís honra directamente.

<sup>61</sup> *n šw n tm hsbt-f*.

<sup>62</sup> Cf. Araújo (2003) 337, n.77.

<sup>63</sup> Cf. Lefebvre (1924) 114; (1923a) 27: *O coração de quem ouvir as minhas palavras (sdm mdw.i) afligir-se-á por isso [...]*.

Este explica claramente que na sua condição de homem honrado (*imakhu*) a construção do túmulo ao lado dos seus familiares (no caso, o pai Sichu e o irmão Djedtotiuefankh) é um deliberado acto de memória, pois procura que o nome (*ren*) desses «espíritos superiores» ou «grandes» (*bau-aa*) seja lembrado para todo o sempre. Para os antigos Egípcios, segundo a sua concepção antropológica, o nome era o elemento da personalidade que permitia diferenciar o seu detentor de todos os outros seres vivos ou mortos. Ser o seu nome pronunciado continuamente, o mesmo é dizer, evitar o esquecimento, era estabelecer uma ligação sólida com a memória e era, assim, manter vivo o defunto. Há uma união estreita entre a designação (o nome, a palavra) e o designado (o Ser, a coisa): constituem uma unidade composta de nomeação. O nome era a fórmula mágica que conservava a imagem do indivíduo na memória dos homens e a fazia perdurar por tempo indefinido, de geração em geração<sup>64</sup>.

As palavras ditas pelo defunto Petosíris em homenagem ao seu irmão mais velho Djedtotiuefankh são muito elucidativas da forma como na viragem do século IV para o III a.C. se concebia a problemática do nome e da sua ligação com a memória e a eternidade:

Fiz com que o teu *ka* fosse honrado na terra dos vivos; que ele não desapareça, pois não se encontrou qualquer falta em mim. Fiz com que o teu nome esteja na boca dos vivos que se sucederam no interior da tua casa, para que o teu nome não desapareça na tua casa, eternamente, pois um homem vive quando se pronuncia o seu nome. (Inscrição 65);

Construí este túmulo nesta necrópole com o teu nome gravado no seu lado esquerdo<sup>65</sup>, para que o teu nome possa ser pronunciado por aqueles que vão e vêm depositar oferendas nesta necrópole, eternamente, a favor do *ka* do senhor deste túmulo. Bebendo e agindo sempre segundo as inspirações do seu coração, louvando a deus pelo teu nome, eternamente. (Inscrição 65).

Também as inscrições 56 e 57 conferem atenção a esta questão da evocação do nome do defunto:

Todos vós que vireis (no futuro) fazer oferendas nesta necrópole; Pronunciai o meu nome ao fazerdes abundantes libações, Tot favorecer-vos-á (por isso)! [...] Sou um homem cujo nome merece ser pronunciado! (Inscrição 56).

No que diz respeito a todos os escribas, a todos os sábios, a todos os homens instruídos na palavra divina, que virão a esta montanha e lerão as inscrições deste

<sup>64</sup> Cf. Sales (2007) 157-168.

<sup>65</sup> Alusão à nave esquerda da capela do túmulo de Petosíris (de dentro para fora) dedicada ao irmão de Petosíris.

túmulo, diante das pessoas que vierem com eles<sup>66</sup> pronunciarão cuidadosamente o meu nome e purificarão as minhas estátuas. (Inscrição 57).

O nome a cuidar e preservar é tanto mais significativo quanto o seu detentor foi um homem justo e íntegro, «sem faltas». Para esses, segundo a concepção egípcio-petosiriana está reservado o Além eterno, no fundo um estádio existencial a que teoricamente só deveria aceder aquele que está isento de faltas (Dmi nt iiwti wn-f) e que cumpriu em vida a *maet*: *Nenhum homem o alcançará, a menos que o seu coração seja íntegro a cumprir a maet* (inscrição 81) ou, como diz Djedtotiuefankh na inscrição 137: *fui justo de coração na prática da maet*.

No Além, a justiça é total, pois, *lá não se distingue o pobre do rico, só o que é considerado livre de faltas pela balança e o peso colocados perante o senhor da eternidade* e na medida em que *Lá ninguém se exime à pesagem*. Em última instância, pois Petosíris é um sacerdote do deus de Khemenu/Hermópolis, é Tot quem julga e decide sobre o destino eterno dos humanos, *segundo as suas acções na terra*.

Com o mesmo enquadramento, a inscrição 62 avança a «solução» para que a pesagem seja (sempre) favorável ao humano zeloso e piedoso:

Ó vós, todos os vivos, que estais sobre a terra e que vindes a esta necrópole, que vereis este túmulo. Vinde, farei com que conheçais as vontades de deus. Guiar-vos-ei no caminho da vida, no bom caminho daquele que obedece a deus; É um homem abençoado aquele cujo coração o conduz até ele. Aquele cujo coração se mantém no caminho de deus<sup>67</sup>, a sua existência manter-se-á na terra. Aquele cujo coração encerra um grande temor de deus, grande será o seu louvor/a sua felicidade na terra. Deus age como agimos para com ele.

O recado de Petosíris é muito objectivo: só granjeará apreço dos deuses (neste caso, do deus Tot) aquele que andar «no caminho da vida» (*metjen en ankh*)<sup>68</sup>. As bênçãos divinas aplicam-se, desde logo, na existência terrestre e,

<sup>66</sup> Subentendido: que não souberem ler as inscrições.

<sup>67</sup> A expressão deve ser entendida como «no caminho do deus Tot». Trata-se de uma entidade divina bem concreta e não de um ser divino abstracto, eventualmente susceptível de ser grafado com maiúscula.

<sup>68</sup> Nas inscrições do túmulo de Petosíris, a ideia de andar no caminho da vida, ou seja, estar conforme à vontade divina, é também vertida como «estar» ou «andar sobre as águas», significando «ser fiel», «ser obediente» ou reconhecer a autoridade espiritual da divindade (Tot): *Eu estava na água do senhor de Khemenu desde o meu nascimento* (inscrição 81); *Tu conduziste o teu coração a caminhar sobre as tuas águas* (inscrição 115); *Que o teu coração não deixe de se alegrar com todo o bem que te sucedeu, desde que tu caminhas sobre as águas do teu senhor, Tot. O teu ser é exaltado por isso, pois é água da vida para a qual o teu coração foi dirigido. É um homem abençoado de deus aquele que coloca o seu caminho no seu coração* (inscrição 61); *Deus engrandeceu o teu ser ... desde que*

como consigna a inscrição 81, estender-se-ão ao Além. Ademais, Tot é um deus justo, que separa o verdadeiro do falso, o bem do mal: agirá para com os homens da mesma forma como estes agirem para com ele<sup>69</sup>. Tal como é típico da literatura sapiencial, os deuses (= Tot) mostram-se deferentes em relação à condição e aos problemas humanos e recompensam (com a vida no Além) os que foram justos e zelosos em vida. É uma significativa nota moral da *Sabedoria de Petosiris* que institui e trata os vivos quais «filhos» a quem os ensinamentos são transmitidos.

Esta ideia de justiça retributiva surge também noutras inscrições do túmulo:

Tal como agirem para comigo, assim serão tratados: quem me fizer bem, o bem lhe será feito; quem me fizer mal, o mesmo lhe acontecerá. Assim se fará àquele que o fizer. (Inscrição 65);

[Àqueles que glorificarem o meu *ka*], o seu (*ka*) será glorificado; Àqueles que me fizerem mal, mal também [lhes] será feito; Sou um homem cujo nome merece ser pronunciado! (Inscrição 56);

Fazei uma libação de água por mim, lede as inscrições, celebrai os ritos em favor do meu nome, pois eu sou um homem que merece que o seu nome seja pronunciado. Quem me fizer bem, o mesmo lhe será feito; quem me fizer o mal, o mesmo, e é Tot que testemunhará contra vós, pois eu sou um *imakbu*, filho de *imakbu*, um bendito, filho de bendito. (Inscrição 102);

O próprio deus renumerará o gesto daquele que agir em meu favor. Quem me fizer o bem, o mesmo lhe será feito; quem louvar o meu *ka*, o seu *ka* será louvado. E quem me fizer mal, o mesmo lhe será feito, pois eu sou um *imakbu* de deus, o qual fará com que sejais tratados da mesma forma por aqueles que virão depois, durante toda a duração dos tempos. (Inscrição 125);

O *imakbu* de Anupu, que reside na Sala Divina, deus grande, senhor de Sheto, o Grande dos Cinco, senhor dos tronos, ilustre pelo seu mérito, excelente pelas suas qualidades, fazendo o bem a quem lhe faz o bem, bendito de seu pai e de sua mãe. (Inscrição 138)

A vida eterna é uma graça divina que se pode atingir pelo contacto íntimo com a divindade e pelo esforço e empenho de cada mortal e, nesse sentido, é uma recompensa, assim o seu coração-*ib* (sede de todo o conhecimento, pensamento, vontade e sabedoria) se mantenha na senda correcta. É o coração

---

*tu caminhas sobre a água e o seu ka tomou conta do teu coração* (inscrição 61) - Cf. Menu (1995) 290, n.41; Couroyer (1949) 419.

<sup>69</sup> Cf. Menu (1995) 283.

que elabora o pensamento, motiva a acção e conduz/orienta o fiel na direcção do seu deus. Como Petosíris advoga na inscrição 59, foi a sua perseverança no caminho da vida que lhe garantiu a eternidade:

Ó todos os profetas, todos os sacerdotes, que vêm a esta montanha, vinde, instruir-vos-ei nas vontades de deus; guiar-vos-ei no caminho da vida. Deus conduziu o meu coração a fazer o que ele ama (*mr k3.f*): é a obra que ele faz àquele que ama. (Inscrição 59)

Integridade e perseverança são componentes vitais do pensamento ético-religioso de Petosíris. É aquilo que B. Menu chama a «relation triangulaire entre Maât, la voie de Dieu [*sic*] et la conscience (le “coeur”, *ib*)»<sup>70</sup>. Nesta ordem de ideias, as acções concretas de Petosíris na vida terrena apoiam-se na sua experiência religiosa e são concebidas como a expressão activa das motivações mais profundas do seu «coração». Como se regista nas inscrições 81 e 61: *O meu coração procurou efectuar/realizar os trabalhos [...]*.

Na condição de membro dirigente da elite clerical do seu tempo, Petosíris efectuou e dirigiu uma série de actividades de grande envergadura de que dá pormenorizado relato na sua longa inscrição de 92 colunas: reconstruiu os templos das divindades egípcias que haviam sofrido destruições ou abandonos sob a dominação estrangeira (o templo de Tot, o templo de Ré, o *ntrw-ḥmwt*, santuário das deusas<sup>71</sup>, os santuários de Nehemetaui<sup>72</sup> e de Hathor, o templo de Heket), além de superintender/proceder a outras obras nas paredes e no recinto sagrado do templo de Tot, em Khemenu/Hermópolis.

Estas acções de «intervenção arquitectónica» são apresentadas como prova da abundante piedade de Petosíris e todas as inscrições glorificam a sua fidelidade em relação ao seu deus, o seu zelo no restauro da religião tradicional egípcia, no reerguer dos templos destruídos, na construção de novos santuários, bem como em enriquecê-los e dar aos sacerdotes segurança e conforto.

Algumas passagens textuais são riquíssimas precisamente pelos exemplos

<sup>70</sup> Cf. Menu (1998b) 26.

<sup>71</sup> Como anota G. Lefebvre — (1924) 139 —, o texto parece referir-se à edificação de um pavilhão ou quiosque erguido no períbolo do templo de Tot, onde eram veneradas conjuntamente várias deusas, embora não se consiga entender na inscrição 81 de que deusas se trata. Fica, contudo, a ideia de que esta edificação teve lugar no interior do recinto de Tot, em sua honra: *Eu construí o santuário das deusas (ntrw-ḥmwt) no interior do templo de Khemenu por ter achado a sua casa decrépita. Elas moram no templo de Tot, senhor de Khemenu, as pessoas chamam-lhe «Capela festiva das deusas», a sua face está virada para oriente.* A inscrição 59 contém um texto similar: *[...] construí o santuário das deusas (ntrw-ḥmwt) no interior do templo de Khemenu, tendo encontrado o seu santuário devastado; de forma que elas residem agora no templo de Tot, senhor de Khemenu: é o «pavilhão das deusas», como se costuma designar: a fachada está voltada a Oriente.*

<sup>72</sup> Nehemetaui, «aquela que salva o espoliado», era em Hermópolis a esposa de Tot – Cf. Sales (1999) 190.

de piedade, de chama interior, de respeito pela tradição e pela memória religiosa e civilizacional egípcia e de profunda sabedoria existencial que evocam e que se pretendem também transmitir aos vindouros através das palavras repletas de preceitos morais e fins eminentemente sociais dos defuntos:

Pus o templo de Tot na sua condição anterior. Eu fiz com que todos os ritos fossem como dantes e que cada sacerdote (servisse) no seu próprio tempo (de serviço). (Inscrição 81);

Eu não reduzi as oferendas no seu templo, enchi os seus celeiros de cevada e trigo, o seu tesouro com todas as coisas boas. Aumentei o que havia antes e todos os habitantes louvaram deus por mim. (Inscrição 81);

Tornei esplêndido o que antes fora arruinado, restabeleci o que há muito tempo tinha decaído e que já não estava no seu lugar. (Inscrição 81);

[...] fiz nelas toda a espécie de trabalhos. Eu fiz estas deusas morar lá. (Inscrição 81);

Fiz um muro em redor do recinto, para evitar que fosse pisado pela população, pois os vilões tinham-no espezinhado<sup>73</sup>. Este é o local de nascimento de todos os deuses, que vieram a existência no princípio. Este sítio tinha sido conspurcado por desordeiros, os intrusos devassaram-no [...] (Inscrição 81);

Fiz um sólido trabalho na parede do templo de Khemenu<sup>74</sup>, para alegrar o coração da (minha) senhora Nehemetauai, quando ela vê este trabalho eternamente. (Inscrição 81)<sup>75</sup>;

Eu chamei o escriba do templo desta deusa e dei-lhe prata sem a contar, para ali fazer um monumento a partir daquele dia. Eu construí uma grande elevação em redor, para que a água não a pudesse levar. Fui diligente consultando os entendidos, para organizar os ritos pelos quais esta deusa é servida, para a contentar até que ela

<sup>73</sup> Outra alusão aos ímpios invasores persas, cuja atitude de profanação e de desrespeito pelos deuses e lugares santos egípcios muito chocou os antigos Egípcios. G. Lefebvre usa a expressão «misérables» para traduzir *hsiw* – Lefebvre (1924) 140. Ao que parece, a acção de Petosiris visava colocar o lugar ao abrigo de novas profanações. A inscrição 61 preserva praticamente o mesmo texto: *Protegi os arredores do recinto para evitar que fosse pisado pela população, pois os vilões haviam-no espezinhado*. Neste caso, G. Lefebvre traduz «misérables gens» – Lefebvre (1924) 83.

<sup>74</sup> Entende-se aqui o «recinto» como a área sagrada, o *temenos*, do templo. Verosimilmente, era neste «recinto» que se elevava a famosa «colina daquele que se encontra em Khemenu/Hermópolis» de que fala o Cap. 17 do *Livro dos Mortos*. Segundo a cosmogonia local, no cimo da colina fora deposto o ovo, «quando a terra ainda estava imersa no Nun», e nele, ainda intacto, residia invisível a potência criadora primordial, como o Cap. 85 do *Livro dos Mortos* pretende. Quando o ovo primígeno por fim se abriu, dele saíram o deus-sol e os outros deuses, *como as aves aquáticas saem dos pântanos egípcios*.

<sup>75</sup> Texto paralelo, mais desenvolvido, surge na inscrição 61 do túmulo.

soubesse o que foi feito<sup>76</sup>. (Inscrição 81);

Estive sete anos como sumo sacerdote/administrador de Tot, senhor de Khemenu/Hermópolis, cumprindo zelosamente todos os ritos no seu templo aumentando o número dos seus sacerdotes, dando importância aos seus servidores, enchendo os seus celeiros de cevada e de espelta e os armazéns com todas as coisas belas e boas, mais do que antes. (Inscrição 61);

Chamei os escribas que se encontravam no templo; dei-lhes todos os meios e grãos em grande quantidade, para erguerem novos monumentos neste templo, pois havia muito tempo que não se executava qualquer trabalho, desde que os estrangeiros haviam chegado e invadido o Egípto, para que este templo não deixasse de [...]. (Inscrição 59).

O relato detalhado dos trabalhos realizados por Petosíris, designadamente as suas acções a favor do seu deus Tot, visam demonstrar a atitude de recompensa do deus perante a sua fidelidade religiosa e vida exemplar. Os distúrbios introduzidos e mantidos pelos estrangeiros quebraram a rede de solidariedade e de cooperação social, da mesma forma como desintegraram a memória social egípcia. Qual faraó salvador do passado ou imitando um faraó, Petosíris não se fica pela lamúria passiva, mas age em prol da recuperação dessa memória, reavivando e reactualizando o passado e a tradição, pelo menos a nível local, recuperando as sedes desse passado e tradição, isto é, os templos e santuários dos deuses egípcios. A desordem funciona como vector de explicitação e de afirmação de (novos) valores morais e culturais, susceptíveis de re-fundarem novos tempos de ordem, equilíbrio e harmonia<sup>77</sup>.

---

<sup>76</sup> Este extracto da inscrição 81 surge desenvolvido nas inscrições 59 e sobretudo 61, com algumas interessantes variações. Enquanto a inscrição 81 designa o próprio templo, a inscrição 61 designa uma espécie de muralha, obra exterior, destinada a proteger o edifício – Cf. Lefebvre (1924)143.

<sup>77</sup> Cf. Menu (1994) 325. Este tema clássico da desordem e do faraó salvador, aqui transferido para Petosíris, tem «manifestações» literárias e iconográficas: nas inscrições 81 e 62 é ele que «estica a corda, desenrola a linha, para estabelecer as fundações do templo»; como já referimos, Petosíris usa a fraseologia real a si aplicada, servindo-se inclusive do epíteto real «vida, saúde, força»; nos muros intercolunares da fachada do túmulo é também, como referimos, Petosíris que, qual faraó, honra os deuses (no caso, o deus Tot); na originalidade, beleza e perfeição técnica do seu sarcófago, qual sarcófago real. No sarcófago antropomórfico de madeira de Petosíris, com 1,95m. de altura (Museu do Cairo, JE 46592), a banda de inscrições, que desce até aos pés, é composta por cinco colunas de hieróglifos multicolores, formados de pasta de vidro imitando pedras preciosas, de turquesa, lápis-lazúli, cornalina, esmeralda, jaspe, marfim, etc., encastrados na madeira, da qual se destacam pelas suas vivas e brilhantes cores – Cf. Málek (2003) 318-319. A acção de Petosíris enquadra-se naquilo que a tradição estipulava para a actuação do próprio faraó. Relembremos o *Ensinamento para Merikaré* (ou *Ensinamento de Kheti III*) do I Período Intermediário que estipulava: *Aumenta e enriquece a mesa de oferendas da divindade, isso também faz viver o nome daquele que o faz. Torna duráveis os teus monumentos enquanto puderes, pois um*

Simultaneamente, a narração tumular de Petosíris, apelando explicitamente aos vivos, institui-se em referente modelar para os que existem na terra (na dimensão *antemortem*), dando à memória um aspecto social, histórico, civilizacional. Como escreve John Baines, «The Egyptian living and dead were part of the same community, and the dead could intervene positively or negatively among the living. They were an essential factor in the affairs of the living.»<sup>78</sup>

A conclusão lógica e previsível de toda a acção e concepção de existência de Petosíris (e, por extensão, de todos os humanos cumpridores) surge de forma lapidar no final das inscrições 61 e 59:

Fiz tudo isso para obter em troca que a minha vida se prolongasse na felicidade e que atingisse a Terra Sagrada<sup>79</sup>, sem que o meu coração conhecesse a aflição. Possa a minha casa subsistir depois de o meu coração ter sido enterrado neste túmulo, ao lado de meu pai. (Inscrição 61).

Tudo o que fiz, foi de acordo com o livro sagrado. Fiz tudo para que o meu nome não deixe de existir no templo de Tot e para que eu possa ser objecto dos seus favores, eternamente! (Inscrição 59).

Também a inscrição 126 repete esta conclusão:

Eu sou, de facto, um bendito pelo senhor de Khemenu, que procurou sempre aquilo que era útil a todos, que falou o bem, que repetiu o bem, que dirigiu as suas acções para o bem. Fiz o que agrada aos homens, que bendiz os deuses, para que o meu nome fosse pronunciado depois da minha morte.

Voltam a ser enfatizadas as dimensões da memória (um nome para todo o sempre) e da eternidade (o alcançar de um estádio de favor eterno, por obra de Tot). Todos os Egípcios (individual ou colectivamente) estão directamente implicados e comprometidos com essas duas directrizes que põem em directo contacto todas as gerações, passadas, presentes e futuras, nos espaços do Aquém e do Além. A sabedoria de Petosíris é fruto dessa concepção e um estímulo directo à sua perpetuação. É nessa comunicação ou diálogo no tempo e no espaço entre as gerações que se joga, simultaneamente, a continuidade da moral, da memória e da sociedade.

A moral petosiriana lida directamente com o Bem e com o Mal e insiste que o sucesso e/ou o fracasso dependem directamente da tipologia existencial

---

*só e único dia torna-se belo para sempre e deus conhece aquele que trabalha para ele.* – Vernus (2001) 135-138; Cf. Laffont (1979) 53-66.

<sup>78</sup> Baines (1991) 147.

<sup>79</sup> Designação da necrópole.

seguida<sup>80</sup>. É, no fundo, o mesmo tópico da justiça retributiva comentado atrás.

Na conclusão da inscrição 81, Petosíris enumera, primeiro, as apreciáveis vantagens materiais que lhe valeu a sua piedade em relação ao deus Tot e, depois, solicita que a sua felicidade se prolongue durante uma vida longa, até à morte, e que, suprema recompensa, a sua descendência prospere depois dele:

O meu senhor Tot distinguiu-me acima de todos os meus semelhantes, como recompensa por eu o enriquecer, com todas as coisas boas, com prata e ouro, com colheitas e produtos em celeiros, com campos, com gado, com latadas de uvas, com pomares de todas as árvores de fruto, com embarcações na água, com todas as coisas boas dos armazéns. (Eu) fui favorecido pelo soberano (HqA) do Egipto<sup>81</sup>, eu fui amado pelos seus cortesãos. Possa isto também ser-me dado como recompensa: prolongamento de vida com alegria no coração, um bom funeral depois da velhice, o meu corpo sepultado neste túmulo, ao lado do meu pai e do meu irmão mais velho, abençoado pelo senhor de Khemenu, e também por todos os deuses de lunu<sup>82</sup>, a minha casa mantida pelos meus descendentes, com filho sucedendo a filho! Possa todo aquele que aqui vier mais tarde dizer: «Eis um servo do seu deus até ao dia da veneração!»<sup>83</sup>

Aliás, a inscrição 61 insiste na mesma tónica: *nenhum caminho é semelhante a este, ele torna durável o tempo de vida, multiplica os anos, enriquece o homem pobre*.

Uma vida longa é o maior bem a que o homem egípcio pode aspirar. A morte é degradante, na medida em que é a negação da obra criadora de deus. No entanto, o morto não está privado do contacto com deus, se fez em vida tudo o que estava ao seu alcance, andando nos seus (de deus) caminhos.

Esta feição pragmática (excessivamente pragmática) levou alguns estudiosos a afirmar que «Ces enseignements ne sont pas donnés pour faire acquérir une vie religieuse plus intense, mais pour réussir dans la vie»<sup>84</sup> e a menosprezar o sentido mais espiritual do «caminho da vida»:

«cette voie de vie est la conduite à tenir pendant l'existence pour que celle-ci soit heureuse, exempte d'afflictions, comme un voyage d'agrément sur le fleuve

---

<sup>80</sup> Cf. Lichteim (1997) 8.

<sup>81</sup> Nectanebo II ou Ptolomeu I? Na inscrição 69 (Sichu) designa-se o soberano como *nesu* (*nsw*), não *heka* (*hk3*) como faz Petosíris aqui na inscrição 81.

<sup>82</sup> Nome egípcio de Heliópolis, a cidade do deus-Sol Ré, teologicamente «rival» de Hermópolis.

<sup>83</sup> O termo serve simultaneamente para designar a idade avançada e como eufemismo para «dia da morte».

<sup>84</sup> Couroyer (1949) 428.

quand le vent souffle dans la bonne direction, à la vitesse qu'il faut, et qu'on arrive à bon port, ici à la ville des générations, c'est-à-dire à la nécropole»<sup>85</sup>.

De igual forma, a inscrição 116 levou muitos a detectarem conselhos de fruição sensual nalgumas palavras de Sichu, pai de Petosíris:

Se esmiuçardes bem as minhas palavras, achar-lhe-eis o seu valor e louvareis a deus em minha honra devido a elas. Bebei até à embriaguez durante o dia de festa! Segui vosso coração enquanto estiverdes na terra! Quando um homem se vai, os seus bens vão-se também; É aquele que os herda que realiza o seu desejo à vontade. [...]. Ninguém sabe o dia em que a sua morte chegará. É dom divino fazer os corações esquecer este assunto [...]. (Inscrição 116)

O discurso de Sichu é entendido como um convite directo à prática da doutrina do *carpe diem*. Paralelamente à ideia do gozo das coisas boas da vida, pois «ninguém sabe o dia em que a sua morte chegará», equaciona-se a ideia de que o Homem não pode transportar os seus bens para o Além. É um reforço do apelo para uma vivência prazenteira da existência.

Embora, num primeiro momento, possa parecer uma ideia paradoxal com o resto da(s) inscrição(ões), é de admitir que subjacente ao ritualismo verbal das declarações e ao «caminho» religioso ou espiritual tão proclamado por Petosíris estivesse também a ideia de um bom usufruto das coisas boas da vida. A ética egípcia da época de Petosíris não apresenta um acentuado vinco espiritualista, nem se aproxima sequer de um pensamento místico, ascético (não há misticismo). Pelo contrário, ele convive bem com noções bem mais pragmáticas de bem-estar (*wḏ*), de prosperidade (*swḏ*) de riqueza mundana, de usufruto de «todas as coisas boas», sem renunciar à vida na sua plenitude: «l'espoir des recompenses terrestres n'était pas absent de la pratique de ces bonnes oeuvres au dire des intéressés eux-mêmes»<sup>86</sup>.

O objectivo não é viver para o prazer terrestre (não há hedonismo), mas sim viver em harmonia, em respeito, com o mundo onde reina ou devia reinar o equilíbrio, a *maat*<sup>87</sup>. A sabedoria reside não em se privar das «coisas boas», mas em desfrutá-las com equilíbrio e moderação. A vida vivida nos «caminhos do deus Tot» é uma vida de rectidão, piedade, sucesso e felicidade.

---

<sup>85</sup> Théodoridès (1991) 85.

<sup>86</sup> Couroyer (1949) 421.

<sup>87</sup> Cf. Théodoridès (1991) 112.

### Conclusão

O exercício das funções sacerdotais de Petosíris constitui o elemento nuclear e chave para aquilo que podemos chamar as «três finalidades» subjacentes às inscrições do seu túmulo: de um lado, proclamar a exemplar e íntegra conduta moral e material de Petosíris que é vista como condição *sine qua non* para os benefícios e privilégios alcançados quer na existência terrena quer, sobretudo, na existência *postmortem*. A recompensa ultra-terrestre não é mais do que a conclusão natural da existência feliz, passada na opulência e repleta de bênçãos de Tot derivadas da correcção do seu maético comportamento existencial-funcional. A elevada recompensa por graça divina («chegar à cidade da eternidade»<sup>88</sup>) interpela, todavia, interiormente, o defunto agraciado que se sente compelido a «partilhar» a sua experiência com os vivos existentes e vindouros, com a clara finalidade destes poderem, através do seu exemplo, teoricamente enviado do Além, serem guiados e permanecerem nos «caminhos da vida» e alcançar, em consequência, os mesmos bons resultados.

A teoria filosófico-religiosa das inscrições de Petosíris denota um profundo humanismo: o homem pode aperfeiçoar-se continuamente, quer pela aplicação activa à sua vida de normas e regras morais e de piedade, conformes à *maet*, quer pela adopção dos conselhos dos sábios como o próprio Petosíris, neste caso um sábio justificado. No entanto, através das suas palavras este «Petosíris» transcende-se e perde a sua individualidade para representar o pensamento religioso, a memória e a moral não só da sua época, como, em sentido mais lato, da própria civilização egípcia.

As suas palavras são conselhos de ordem prática transmitidos pela tradição, onde se justapõem ideias e práticas de vida. Nesse sentido, as inscrições e a sabedoria de «Petosíris» são um repositório condensado de memória e de moral. Nelas reflecte-se o passado egípcio: «“Petosiris” ne serait ainsi que le point d’aboutissement [...] d’idées et d’images véhiculées par la tradition séculaire»<sup>89</sup>.

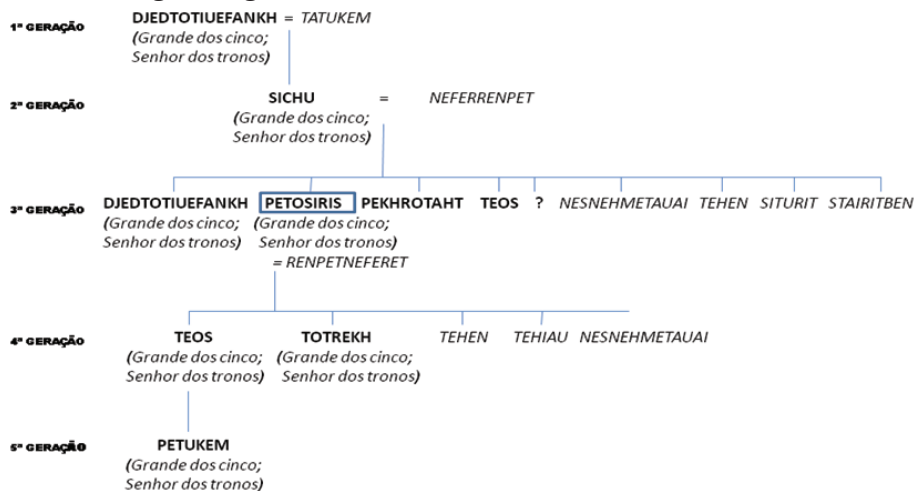
---

<sup>88</sup> A «Cidade da Eternidade» é sinónimo de necrópole, em sentido lato, ou de túmulo, em sentido mais estrito. A inscrição 116 (de Sichu) contém a fórmula-chave neste aspecto: *Cheguei até à Cidade da Eternidade, porque fiz o Bem na terra e porque o meu coração está firme no caminho do deus, desde a minha infância até esse dia!*

<sup>89</sup> Théodoridès (1991) 102.

## ANEXOS

### Árvore genealógica da família sacerdotal de Petosiris



Árvore genealógica da família sacerdotal de Petosiris (os nomes dos homens estão grafados a negrito e os das mulheres em *italico*). Em cada geração, os homens ostentaram os cargos sacerdotais de «Grande dos Cinco» e «Senhor dos tronos», embora se admita que nalguns casos se trata apenas de títulos honoríficos.

### Seleção de inscrições do túmulo de Petosiris

AUTOR OU BENEFICIÁRIO	INSCRIÇÃO	LOCALIZAÇÃO NO TÚMULO DE PETOSIRIS	Nº DE COLUNAS	FONTE(S)
Sichu	116	Capela, Pilar A, face ocidental	6	-Lefebvre (1924) 158, 159; (1923a) 83. -Lichteim (2006) 50, 51 -Lalouette (1984) 261, 262, 340.
Sichu	127	Capela, Pilar C, face norte	6	-Lefebvre (1924) 161; (1923a) 90, 91. -Lichteim (2006) 51, 52.
Djedtotiuefankh	57	Pronaos, Parede sul, Porta que dá acesso à capela, lado oeste da ombreira	3	-Lefebvre (1924) 117; (1923a) 28, 29.
Djedtotiuefankh	115	Capela, Pilar A, face oriental	6	-Lefebvre (1924) 156, 157; (1923a) 82. -Lalouette (1984) 264, 265, 340, 341.

Djedtotiuefankh	70	Capela, nave de Djedtotiuefankh, Parede ocidental, registo superior.	10	-Lefebvre (1924) 172; (1923a) 45.
Djedtotiuefankh	102	Capela, nave de Djedtotiuefankh, Parede sul, lado ocidental	6	-Lefebvre (1924) 184, 185; (1923a) 74, 75.
Djedtotiuefankh	125	Capela, Pilar B, face oriental	6	-Lefebvre (1924) 191, 192; (1923a) 88, 89.
Djedtotiuefankh	126	Capela, Pilar B, face ocidental	6	-Lefebvre (1924) 192, 193; (1923a) 89, 90.
Djedtotiuefankh	137	Capela, Pilar D, face norte	6	-Lefebvre (1924) 193, 194; (1923a) 95.
Djedtotiuefankh	138	Capela, Pilar D, face sul	6	-Lefebvre (1924) 194; (1923a) 95, 96.
Petosíris	81	Capela, parede oriental, registo intermédio	92	-Lefebvre (1924) 136-145; (1923a) 53-59. -Lichteim (2006) 45-49. -Lalouette (1984) 263, 264, 340.
Petosíris	62	Pronaos, parede sul, ângulo este	5	-Lefebvre (1924) 82, 83; (1923a) 38, 39. -Lalouette (1984) 262, 263, 340. - Vernus (2001) 367.
Petosíris	65	Capela, nave de Djedtotiuefankh, parede norte, lado ocidental, registo médio	17	-Lefebvre (1924) 170; (1923a) 40, 41.
Petosíris	59	Pronaos, parede sul, ângulo ocidental	5	-Lefebvre (1924) 79, 80; (1923a) 32.
Totrekx	56	Pronaos/Capela, parede sul, porta de acesso à nave de Sichu	11	-Lefebvre (1924) 114, 115; (1923a) 27, 28. -Lichteim (2006) 52-54.
Djedhor (Teos)	61	Pronaos, parede sul, lado oriental, registo intermédio	411	-Lefebvre (1924) 101, 102; (1923a) 35, 36. -Lalouette (1984) 265, 341.
Petukem	61	Pronaos, parede sul, lado oriental, registo intermédio	412	-Lefebvre (1924) 104, 105; (1923a) 36, 37. - Lalouette (1998) 266, 341. - Vernus (2001) 367-369.

### III. Inscrições biográficas de Petosiris

Inscrição n.º 81 (Capela, parede oriental, registo intermédio, 92 colunas)<sup>90</sup>:

#### 1. Introdução e títulos

(1)<sup>91</sup> O seu amado filho mais novo, dono de todos os seus bens, o «grande dos cinco» (*uer diu, wr d3w*), o «senhor dos tronos» (*kherep nesut, hrp nswt*), o sumo sacerdote que contempla o deus<sup>92</sup> no seu santuário, que leva o seu senhor e segue o seu senhor, que entra no lugar mais sagrado, que executa as suas funções juntamente com os grandes servidores de deus, o profeta da Ogdóade, chefe dos sacerdotes de (5) Sekhmet, líder do terceiro e do quarto grupo sacerdotal, escriba real (*sech-nesu*) encarregado da contagem de todos os bens no templo de Khemenu/Hermópolis, segundo sacerdote de Khnum-Ré, senhor de Heruer, e de Hathor, senhora de Neferuset, líder do segundo grupo sacerdotal do templo de Heruer e de Neferuset, o profeta de Amon-Ré e dos deuses dos outros templos da cidade<sup>93</sup>, Petosiris, o venerado, chamado Ankhefkhonsu, nascido da dama Neferrenpet, justificada; ele diz:

#### 2. Considerações morais

(10) Ó vós, todos os vivos, que estais sobre a terra,  
todos os sacerdotes-*uab* e todos os escribas,  
que vindes a esta necrópole (*st3t*) e vedes este túmulo,  
louvado seja deus para aquele que age (para mim),  
louvado seja deus para aqueles que agem (para mim)!

(15) Porque eu fui um homem honrado (*imakhu*) por seu pai,  
louvado por sua mãe,  
amado pelos seus irmãos.  
Eu construí este túmulo nesta necrópole,  
ao lado dos espíritos superiores (*b3w-3w*) que aqui estão,  
para que sejam pronunciados o nome de meu pai  
e o de meu irmão mais velho,  
porque um homem revive  
quando o seu nome (*ren*) é pronunciado!

<sup>90</sup> Para a tradução anotada que apresentamos compulsámos Lefebvre (1924) 136-144; (1923a) 39, 40; Lichteim (2006) 45-49; Lalouette (1984) 263-264; 340; Laffont (1979) 153-156; Araújo (2003) 36-342. O texto que apresentamos encontra-se dividido em 11 partes, de acordo com a proposta de Lefebvre (1924) 136-145; (1923a) 53-59.

<sup>91</sup> De acordo com a tradução de M. Lichteim, apresentamos a indicação das colunas do texto, de 5 em 5.

<sup>92</sup> Ao contrário de Gustave Lefebvre e de outros autores que grafam sempre o termo deus com maiúscula, na nossa tradução preferimos utilizar a minúscula, pois não nos parece que a designação possa ser entendida como a moral de espírito cristão faz em relação à divindade do ambiente bíblico. A «preferência» de Petosiris pelo deus Tot não pode ser entendida, em nossa opinião, no âmbito de um pensamento ou clima monoteísta – Cf. Théodoriès (1991) 87-88.

<sup>93</sup> Cf. Lebevre (1924) 212-213, notas às pp. 79 e 36.

O Ocidente<sup>94</sup> é a morada daquele que não tem faltas<sup>95</sup>,  
louvado seja deus para o homem que o alcançou!  
Nenhum homem o alcançará,  
a menos que o seu coração seja íntegro a cumprir a *maat*.  
Lá não se distingue o pobre do rico,  
só o que é considerado livre de (20) faltas  
pela balança e o peso colocados perante o senhor da eternidade  
Lá ninguém se exime à pesagem<sup>96</sup>:  
Tot, como babuíno encarregue da balança,  
julgará cada homem segundo as suas acções na terra.

*3. Triste situação do Egipto e dos templos sob a dominação estrangeira*  
Eu estava na água do senhor de Khemenu desde o meu nascimento,  
eu tive todos os seus planos no meu coração.  
(Ele) escolheu-me para administrar (25) o seu templo,  
e sabendo-o eu respeitei-o no meu coração.  
Passei sete anos como administrador deste deus,  
gerindo os seus bens sem que se encontrassem quaisquer falhas,  
enquanto o rei dos países estrangeiros dominava o Egipto  
e nada estava no seu lugar anterior,  
depois das lutas que se travaram (30) no interior do Egipto,  
o Sul estava em agitação e o Norte em revolta.  
As pessoas caminhavam com (a cabeça voltada para trás)  
e todos os templos estavam sem os seus servidores,  
os sacerdotes fugiram, sem saber o que estava a acontecer.

*4. Petosiris torna-se administrador de Tot e reconstrói o seu templo*  
Quando eu me tornei o administrador (*mr šn*) de Tot, senhor de Khemenu,  
pus o templo de Tot na (35) sua condição anterior<sup>97</sup>.  
Eu fiz com que todos os ritos fossem como dantes,  
e que cada sacerdote (servisse) no seu próprio tempo (de serviço).  
Aumentei (o número dos) seus sacerdotes,  
beneficiei os sacerdotes horólogos<sup>98</sup> do seu templo;  
promovi todos os seus funcionários  
dei uma função aos seus servidores.  
Eu não reduzi as oferendas no seu templo,

<sup>94</sup> Em egípcio *Amenti* – Cf. Laffont (1979) 154; G. Lefebvre (1924) 136.

<sup>95</sup> *đmi nt iwti wn-f*.

<sup>96</sup> *n šw n tm ḥsbt-f*.

<sup>97</sup> *mi šḥr-s ḥnt*.

<sup>98</sup> Estes sacerdotes, como o próprio nome sugere, eram responsáveis por estabelecer correctamente as horas propícias à celebração dos actos cúltricos. Para o efeito, quais astrónomos, estudavam os movimentos dos astros.



6. *Petosíris reedifica o «santuário das deusas»*

Eu construí o santuário das deusas (*ntrw-ḥmwt*)  
No interior do templo de Khemenu  
por ter achado a sua casa decrépita.  
Elas moram no templo de Tot, senhor de Khemenu,  
(55) as pessoas chamam-lhe «Capela festiva das deusas»,  
a sua face está virada para oriente.

7. *Petosíris constrói os santuários de Nebemetauai e de Hathor*

Eu construí também a casa de Nebemetauai, «Aquele que fez o que é»<sup>104</sup>,  
e a casa de Hathor, senhora do sicómoro do Sul<sup>105</sup>,  
semelhante a Nebemetauai, a mãe de deus.  
Eu construí-as com boa pedra calcária branca,  
e fiz nelas toda a espécie de trabalhos.  
(60) Eu fiz estas deusas morar lá<sup>106</sup>.

8. *Petosíris protege o recinto como lugar sagrado*

Fiz um muro em redor do recinto,  
para evitar que fosse pisado pela populaça,  
pois os vilões tinham-no espezinhado.  
Este é o local de nascimento de todos os deuses,  
que vieram a existência no princípio.  
Este sítio tinha sido conspurcado por desordeiros,  
os intrusos devassaram-no  
e comeram os frutos (65) das suas árvores,  
levaram os seus ramos para suas casas<sup>107</sup>.  
A terra inteira ficou em alvoroço  
e o Egipto ficou aflito,  
pois a metade do ovo estava aí enterrada<sup>108</sup>.

49, n.9; Lalouette (1984) 340, n.93; Araújo (2003) 339, n.90; Sales (1999) 215-216.

<sup>104</sup> Esta linha não consta na versão de Miriam Lichteim relativa à inscrição 81 – Cf. Araújo (2003) 339, n.89 – , mas surge na inscrição 62 – Cf. Lalouette (1984) 263.

<sup>105</sup> Trata-se de mais duas edificações sagradas que Petosíris assume para si próprio, embora no caso do templo de Hathor não se consiga determinar se a expressão «sicómoro do Sul» se aplica ao templo de Dendera (6º *nomos* do Alto Egipto) ou ao outro templo da deusa do 14º *nomos* do Alto Egipto. Seja como for, qualquer um deles ficava ao «sul» de Hermópolis.

<sup>106</sup> Alusão à colocação das estátuas das divindades nos seus santuários.

<sup>107</sup> Outra alusão aos impiedosos persas. Este quadro de devastação e terror generalizado às mãos dos Persas confere com o panorama apresentado pelo texto coevo conhecido por «Crónica Demótica».

<sup>108</sup> Na tradição hermopolitana, o mito do ovo cósmico (𓆎𓆏𓆑 *swḥt, suhet*) realça o seu significado simbólico conotado com a emergência da vida, com o «berço de todos os deuses». Uma das versões mais familiares da cosmogonia é a de que uma ave mítica, a Grande Grasnadora, pôs um ovo sobre a colina inicial que emergiu em Hermópolis de que os sacerdotes locais mostravam restos («metade do ovo») aos crédulos peregrinos. Relativamente ao conteúdo do ovo, as várias versões dos textos antigos egípcios deixam perceber, no fundo, três possibilidades: 1) O ovo contém ou identifica-se

9. *Petosíris reergue a parede do templo de Khemenu*

Fiz um sólido trabalho na parede do templo de Khemenu,  
para alegrar o coração da (minha) senhora (70) Nehemetauai,  
quando ela vê este trabalho eternamente<sup>109</sup>.

10. *Petosíris restaura o templo de Heket*

Agora, quando eu estava diante desta deusa,  
Heket, senhora de Heruer<sup>110</sup>,  
na sua bela festa do último mês do ano<sup>111</sup>,  
sendo eu administrador de Tot,  
ela foi para um lugar a norte desta cidade,  
a «Casa de Heket», como é chamada por todos<sup>112</sup>,  
que estava arruinada desde tempos (75) imemoriais (*dr hnti*).  
A água levou-a todos os anos<sup>113</sup>,  
até que as suas fundações desapareceram.  
Só foi chamada «Casa de Heket»,  
quando nenhum tijolo ou pedra lá estavam,  
então a deusa parou lá<sup>114</sup>.  
Eu chamei o escriba do templo desta deusa  
e dei-lhe prata sem a contar,  
para ali fazer um monumento a partir daquele dia.  
Eu construí uma grande (80) elevação em redor,  
para que a água não a pudesse levar.  
Fui diligente consultando os entendidos,  
para organizar os ritos  
pelos quais esta deusa é servida,  
para a contentar até que ela soubesse o que foi feito<sup>115</sup>.

---

com o deus primordial solar; 2) O ovo contém o ar; 3) O ovo cósmico contém os Oito. Qualquer que seja a versão, o ovo manifesta-se como o grande elemento que rompe com o magma indiferenciado das origens e donde nasce o princípio criador. O ovo pode ser tido como uma imagem do mundo e da perfeição, introduzindo um esquema de auto-fecundação, em que o engendrar da vida participa da potência criadora da luz solar. A alusão à «metade do ovo», qual relicário sagrado, recorda que a eclosão do princípio do mundo se deu justamente em Khemenu/Hermópolis.

<sup>109</sup> Texto paralelo, mais desenvolvido, surge na inscrição 61 do túmulo.

<sup>110</sup> A deusa Heket era a deusa-rã da mitologia egípcia, esposa de Khnum-Ré, ambos venerados em Heruer. Nas representações iconográficas surge uma cabeça de batráquio num corpo de mulher. Era uma divindade dadora de vida. Estava associada a Nehemetauai de Hermópolis e com os Oito deuses primordiais da cidade. Como Nehemetauai era uma forma de Hathor.

<sup>111</sup> Quer dizer, na estação Chemu, ou seja, o mês de Mesori (Jun.-Jul.).

<sup>112</sup> Literalmente, «de boca para boca».

<sup>113</sup> A imagem reflecte o movimento cíclico das águas do Nilo em resultado da inundação anual que ainda afectava o Egipto na época de Petosíris – Cf. Araújo (2003) 341, nota 99.

<sup>114</sup> Literalmente, «de boca para boca».

<sup>115</sup> Este extracto 10 da inscrição 81 surge desenvolvido nas inscrições 59 e sobretudo 61, com algumas interessantes variações. Enquanto a inscrição 81 designa o próprio templo, a inscrição 61 designa uma espécie de muralha, obra exterior, destinada a proteger o edifício – Cf. Lefebvre

11. *Conclusão*

O meu senhor Tot distinguiu-me acima de todos os meus semelhantes,  
como recompensa por eu o enriquecer,  
com todas as coisas boas, com prata e ouro,  
com (85) colheitas e produtos em celeiros,  
com campos, com gado,  
com latadas de uvas,  
com pomares de todas as árvores de fruto,  
com embarcações na água,  
com todas as coisas boas dos armazéns.

(Eu) fui favorecido pelo soberano (HqA) do Egipto,  
eu fui amado pelos seus cortesãos.

Possa isto também ser-me dado como recompensa:  
prolongamento de vida com alegria no coração,  
um bom funeral depois da velhice,  
o meu corpo sepultado neste túmulo,  
ao lado do meu pai e do meu irmão mais velho,  
abençoado pelo (90) senhor de Khemenu,  
e também por todos os deuses de lunu,  
a minha casa mantida pelos meus descendentes,  
com filho sucedendo a filho!

Possa todo aquele que aqui vier mais tarde dizer:  
«Eis um servo do seu deus até ao dia da veneração!»

*Inscrição n.º 62 (Pronaos, parede sul, ângulo este, 5 colunas)<sup>116</sup>:*

[O meu amado filho mais novo, dono de todos os seus bens]<sup>117</sup>, o «grande dos cinco» (*uer diu, wr d3w*), o «senhor dos tronos» (*kberep nesut, hrp nswt*), o sumo sacerdote que contempla o deus no seu santuário, que penetra no lugar mais sagrado, que executa as suas funções sacerdotais juntamente com os grandes servidores de deus, o servidor da Ogdóade, chefe dos sacerdotes de (5) Sekhmet, escriba real (*sech-nesu*) encarregado da contagem de todos os bens do templo de Khemenu/Hermópolis, segundo sacerdote de Khnum-Ré, senhor de Heruer, e de Hathor, senhora de Neferuset, Petosíris, ele diz:

Ó vós, todos os vivos, que estais sobre a terra e que vindes a esta necrópole, que vereis este túmulo,

Vinde, farei com que conheçais as vontades de deus.

Guiar-vos-ei no caminho da vida, no bom caminho daquele que obedece a deus;

---

(1924) 143.

<sup>116</sup> Cf. Lalouette (1984) 262-263, 340; Lefebvre (1924) 82-83; (1923a) 38-39.

<sup>117</sup> A inscrição apresenta-se danificada no seu início, sendo o mesmo restituído a partir da inscrição 81, apresentada anteriormente. No essencial, a introdução é similar nas duas inscrições.

É um homem abençoado aquele cujo coração o conduz até ele.  
Aquele cujo coração se mantém no caminho de deus, a sua existência manter-se-á na terra  
Aquele cujo coração encerra um grande temor de deus, grande será o seu louvor/a sua felicidade na terra.

Deus age como agimos para com ele.  
Estive sete anos como sumo sacerdote/administrador de Tot, senhor de Khemenu/Hermópolis,  
cumprindo zelosamente todos os ritos no seu templo,  
aumentando o número dos seus sacerdotes,  
dando importância aos seus servidores,  
enchendo os seus celeiros de cevada e de espelta  
e os armazéns com todas as coisas belas e boas, mais do que antes.  
Os estrangeiros governavam então o Egípto.

O meu coração procurou também realizar os trabalhos no templo de Tot;  
Estiquei a corda, desenrolei a linha,  
para estabelecer as fundações do templo de Ré no recinto,  
pois esse templo há muito que caíra em ruína.  
Reconstruí-o com boa pedra calcária branca,  
e fiz nele toda a espécie de trabalhos;  
As suas portas eram de cedro  
revestidas com cobre da Ásia.  
Assim Ré pôde lá residir,  
o lactente que está na Ilha de Fogo (*iw nrsr*).

Protegi os arredores do recinto  
para evitar que fosse pisado pela população,  
pois os vilões haviam-no espezinhado:  
Os frutos das suas árvores haviam sido comidos, os seus ramos levados embora,  
de forma que havia problemas em todo o Egípto devido a este comportamento:  
com efeito, as metades do ovo estavam enterradas neste lugar,  
bem como todos os seres aos quais dera existência.

Fiz tudo isso para obter em troca que a minha vida se prolongasse na felicidade  
e que atingisse a Terra Sagrada<sup>118</sup>,  
sem que o meu coração conhecesse a aflição.  
Possa a minha casa subsistir depois de o meu coração ter sido enterrado neste túmulo, ao lado de meu pai.

---

<sup>118</sup> Designação da necrópole.

*Inscrição n.º 59 (Pronaos, parede sul, ângulo ocidental, 5 colunas)<sup>119</sup>:*

[...] <sup>120</sup>, segundo sacerdote de Khnum-Ré, senhor de Heruer, e de Hathor, senhora de Neferuset, filarca do segundo grupo sacerdotal do templo de Heruer e do de Neferuset, o profeta de Ámon-Ré e dos deuses dos outros templos da cidade, Petosíris, ele diz:

«Ó todos os profetas, todos os sacerdotes, que vêm a esta montanha, vinde,  
Instruir-vos-ei nas vontades de deus;  
Guiar-vos-ei no caminho da vida.  
Deus conduziu o meu coração a fazer o que ele ama (*mr k3.f*): é a obra que ele faz àquele que ama.

Eu exerci as funções de administrador de Tot, senhor de Khemenu, durante sete anos,  
Quando os homens vindos de países estrangeiros governavam o Egípto<sup>121</sup>.  
Encontrei o templo de Tot em ruína ...  
Chamei os escribas que se encontravam no templo;  
dei-lhes todos os meios e grãos em grande quantidade,  
para erguerem novos monumentos neste templo,  
pois havia muito tempo que não se executava qualquer trabalho,  
desde que os estrangeiros haviam chegado e invadido o Egípto,  
para que este templo não deixasse de [...]  
[...] construí o santuário das deusas no interior do templo de Khemenu,  
tendo encontrado o seu santuário devastado;  
de forma que elas residem agora no templo de Tot, senhor de Khemenu:  
é o «pavilhão das deusas», como se costuma designar:  
a fachada está voltada a Oriente, diante do santuário da vaca Ahet [...] aí,  
para que seja repleto das suas bênção, eternamente!

Tudo o que fiz, foi de acordo com o livro sagrado.  
Fiz tudo para que o meu nome não deixe de existir no templo de Tot  
e para que eu possa ser objecto dos seus favores, eternamente!»

D) *Inscrição 65 (Capela, nave de Djedtotiuefankh, Parede norte, lado ocidental, registo médio, 17 colunas)<sup>122</sup>*

*Homenagem de Petosíris ao seu irmão defunto, Djedtotiuefankh.*

<sup>119</sup> Cf. Lefebvre (1924) 79-80; (1923a) 32. Como o texto 62, também esta inscrição 59 se integra nos textos relativos à biografia de Petosíris e reproduz frequentemente termos da grande inscrição 81.

<sup>120</sup> Lacuna no início de cada linha que, neste caso dos títulos da coluna 1, são facilmente restituídos a partir do início das inscrições 62 e 81.

<sup>121</sup> *rmtt h3swt m hk3 kmt, homens de países estrangeiros governavam o Egípto.*

<sup>122</sup> Cf. Lefebvre (1924) 170; (1923a) 40-41.

*Discurso de Petosiris*

O seu irmão mais novo, o amado, o Grande dos Cinco, senhor dos tronos, o profeta Petosiris, ele diz: «O meu irmão mais velho, sou eu, o teu irmão mais novo. Fiz com que o teu *ka* fosse honrado na terra dos vivos; que ele não desapareça, pois não se encontrou qualquer falta em mim. Fiz com que o teu nome esteja na boca dos vivos que se sucederam no interior da tua casa, para que o teu nome não desapareça na tua casa, eternamente, pois um homem vive quando se pronuncia o seu nome.

A tua estátua foi transportada para o templo de Tot, com o teu nome gravado, para que o teu nome seja recordado no templo de Tot, para sempre. Construí este túmulo nesta necrópole com o teu nome gravado no seu lado esquerdo, para que o teu nome possa ser pronunciado por aqueles que vão e vêm depositar oferendas nesta necrópole, eternamente, a favor do *ka* do senhor deste túmulo. Bebendo e agindo sempre segundo as inspirações do seu coração, louvando a deus pelo teu nome, eternamente.»

*Resposta de Djedtotiuefankh*

Dita pelo Osiris, Grande dos Cinco, senhor dos tronos, Djedtotiuefankh, justo de voz/justificado: Como são belas as palavras saídas da tua boca. Tenho o coração em júbilo de as escutar. Não há na minha alma nada contra ti. Tal como agirem para comigo, assim serão tratados: quem me fizer bem, o bem lhe será feito; quem me fizer mal, o mesmo lhe acontecerá. Assim se fará àquele que o fizer. Tot, quando julgar estes actos, dir-lhe-ei isto a teu respeito, diante dele, o senhor dos deuses: «Que a tua vida se prolongue, pois tu me foste fiel; que sejam multiplicados os anos daquele que construiu este túmulo, pois é um *imakhu* do seu deus. Que o teu filho fique no teu lugar, para satisfazer os teus desejos, como tu fizeste em relação a mim».

## BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, L. M. de, «O túmulo de Petosiris: expressão da confluência cultural greco-egípcia» in A. Ventura, coord., *Presença de Victor Jabouille*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2003, 313-344.
- ASSMAN, J., *Religion and Cultural Memory*, Califórnia, Stanford University Press, 2006.
- BAINES, J., «Society, morality and religious practice» in B. Shafer, ed., *Religion in Ancient Egypt: Gods, Myths, and Personal Practice*, Ítaca, Cornell University Press, 1991, 123-200.
- CAVAIGNAC, E., «La date du tombeau de Pétosiris», *Revue de l'Égypte Ancienne* 2, 1929, 56-57.
- COUROYER, B., «Le chemin de vie en Égypte et en Isarel», *RB* 56, 1949, 412-432.
- DAVID, R.; DAVID, A. E., *A Biographical Dictionary of Ancient Egypt*, Londres, Seaby, 1992.
- ELVIRA BARBRA, M. Á., «La utopia fusionadora de Alejandro Y Ptolomeo I» in M. Á. Molinero Polo, D. Sola Antequera, coords., *Arte y sociedad del Egipto antiguo*, Madrid, Encuentro Ediciones, 2000, 203-215.
- FESTUGIÈRE, A.-J., «Notice sur la vie et les travaux de M. Gustave Lefebvre, membre de l'Académie», *Comptes-rendus des séances de l'Académie des inscriptions et belles-lettres* 103/1, 1959, 94 -105.
- HAGEN, F., «Echoes of <sup>2</sup>Ptahhotep<sup>2</sup> in the Greco-Roman World», *ZÄS* 136, 2009, 130-136.
- LAFFONT, É., *Les livres de sagesse des pharaons*, Paris, Gallimard, 1979.
- LALOUETTE, Cl., *Textes sacrés et textes profanes de l'ancienne Égypte, Volume 1. Des pharaons et des hommes*, Paris, Gallimard, 1984.
- LEFEBVRE, G., «Le tombeau de Petosiris», *ASAE* 20, 1920, 41-121.
- , «Textes du tombeau de Petosiris», *ASAE* 22, 1922, 33-48.
- , «Textes du tombeau de Petosiris», *ASAE* 20, 1920, 207-237.
- , *Le tombeau de Petosiris I*, Caire, Institut Français d'Archéologie Orientale, 1924. [Obra disponível online em [http://www1.lib.uchicago.edu/cgi-bin/eos/eos\\_title.pl?callnum=DT62.T6L5\\_vol1\\_cop1](http://www1.lib.uchicago.edu/cgi-bin/eos/eos_title.pl?callnum=DT62.T6L5_vol1_cop1) (vol. 1: Première Partie : Description)].

- , *Le tombeau de Petosiris II*, Caire, Institut Français d'Archéologie Orientale, 1923a. [Disponível online em [http://www1.lib.uchicago.edu/cgi-bin/eos/eos\\_page.pl?DPI=100&callnum=DT62.T6L5\\_vol2\\_cop1&object=0](http://www1.lib.uchicago.edu/cgi-bin/eos/eos_page.pl?DPI=100&callnum=DT62.T6L5_vol2_cop1&object=0) ou [http://www1.lib.uchicago.edu/cgi-bin/eos/eos\\_title.pl?callnum=DT62.T6L5\\_vol2\\_cop1](http://www1.lib.uchicago.edu/cgi-bin/eos/eos_title.pl?callnum=DT62.T6L5_vol2_cop1) (2º volume : Deuxième Partie: Les Textes)].
- , *Le tombeau de Petosiris III*, Caire, Institut Français d'Archéologie Orientale, 1923b. [Obra disponível online em [http://www1.lib.uchicago.edu/cgi-bin/eos/eos\\_title.pl?callnum=DT62.T6L5\\_vol3\\_cop1](http://www1.lib.uchicago.edu/cgi-bin/eos/eos_title.pl?callnum=DT62.T6L5_vol3_cop1) (vol. 3: Troisième Partie: Vocabulaire et Planches)].
- LICHTHEIM, M., *Ancient Egyptian Literature (AEL). Volume III. The Late Period*, Berkeley/Los Angeles/Londres, University of California Press, 2006.
- , *Moral Values in Ancient Egypt*, Fribourg, University Press, 1997.
- MÁLEK, J., *Egypt. 4000 Years of Art*, Londres, Phaidon Press Inc., 2003.
- MENU, B., «Le tombeau de Pétoisiris. Nouvel examen», *Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale* 94, 1994, 311-327.
- , «Le tombeau de Pétoisiris (2). Maât, Thot et le droit», *Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale* 95, 1995, 281-295.
- , «Le tombeau de Pétoisiris (3). Culpabilité et responsabilité», *Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale* 96, 1996, 343-357.
- , «Le tombeau de Pétoisiris (4). Le souverain de l'Égypte», *Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale* 98, 1998a, 247-262.
- , «La “voie de Dieu” dans les inscriptions du tombeau de Pétoisiris», *Transeuphratène* 16, 1998b, 21-30.
- NAKATEN, S., «Petosiris», *Lexikon der Ägyptologie* 4, 1982, 995-998.
- PEREMANS, W.; VAN'T DACK, E.; MEULENAERE, H. DE; IJSEWIJN, J., *Prosopographia Ptolemaica III. Le clergé, le notariat, les tribunaux*, *Studia Hellenistica* 11, Louvain, Publications Universitaires de Louvain, 1956.
- PICARD, Ch., «Les influences étrangères au tombeau de Petosiris: Grèce ou Perse?», *Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale* 30, 1931, 201-227.
- SALES, J. das C., «Petosiris – um activo construtor da memória egípcia do início do período ptolomaico» *Studia Historica. Historia Antigua*, 29, 2011, 17-38.

José das Candeias Sales

———, *As Divindades Egípcias. Uma chave para a Compreensão do Egípto Antigo*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999.

———, *Estudos de Egiptologia. Temáticas e Problemáticas*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007.

THÉODORIDÈS, A., «La condition humaine en Égypte d'après les inscriptions du tombeau de Pétoisiris», *Acta Orientalia Belgica* 6, 1991, 83-116.

VERNUS, P., *Sagesses de l'Égypte pharaonique*, Paris, Imprimerie Nationale, 2001.